

Jogada fascista na luta pelas Malvinas

O povo tocou fogo no Maluf

Manifestação de funcionários queima em praça pública boneco do "Governador Trombadinha". Pág. 5.



Não foi por amor à Argentina que o general Galtieri mandou invadir as Malvinas. Seu governo é tão vende-pátria que já entregou até o metrô de Buenos Aires ao capital estrangeiro. Galtieri agiu para despistar o povo e salvar do buraco seu regime apodrecido e isolado. O conflito no Atlântico Sul entre os generais de Buenos Aires e os colonialistas de Londres está na página 2.

Oposição tem o dever de denunciar o arbítrio

As investidas dos militares contra o "revanchismo" e os "radicais" visam impedir a oposição de cumprir seu papel. Pág. 3.

Por que São Bernardo não foi à greve?

As assembléias que já reuniram mais de 80 mil, este ano não juntaram 5 mil. Há razões objetivas para isto. E também erros de direção. Pág. 4.

Governo condena jornalistas e protege ladrões

Veja na página 3

As explosões da revolta operária

Este mês já foram duas. Na Coferraz, Santo André, ou no Pólo Petroquímico gaúcho, o quebra-quebra é uma forma de dizer basta à exploração. Págs. 8 e 5.



Uma guerra injusta

De uma hora para outra, as ilhas Malvinas aparecem como centro de uma ameaça de guerra. Seria justa esta guerra encaçada por um lado pelo governo fascista do general Galtieri e de outro pelo imperialismo inglês? Do ponto de vista do proletariado consciente, é uma guerra injusta dos dois lados.

Desesperado pelo fracasso em todos os setores, acossado pela revolta popular, temendo uma explosão revolucionária, o general Galtieri lançou-se numa aventura militar ocupando as Malvinas. Seu único objetivo é uma manobra diversionista para tentar um desafogo. Procura turvar as vistas do proletariado e do povo argentino com um falso apelo nacionalista, para afastá-lo do caminho da revolução.

O regime militar argentino é um dos mais entreguistas da América Latina. Seu "plano econômico" é o mais escandaloso processo de submissão de um país aos monopólios internacionais. Para cumprir esta política de traição nacional, mostrou o mais completo desprezo pela liberdade e pela vida humana. Assassinou milhares de opositores. São conhecidos inúmeros casos de "desaparecimento", inclusive de crianças com poucos meses de vida. Os generais argentinos são inimigos do povo e da nação argentina, e de todos os povos do continente. Há poucos dias estes fascistas estavam ultimando os preparativos para enviar tropas para ajudar os Estados Unidos na sua tarefa de sufocar com sangue a luta de libertação do povo de El Salvador. E querem se apresentar como defensores da luta pela libertação nacional na Argentina!

A soberania sobre as Malvinas é uma reivindicação justa do povo argentino. Mas a luta nacional hoje se entrelaça com a revolução. E a tarefa que se coloca na ordem do dia é a liquidação do

regime militar de traição nacional. Em função disto é que se apresenta a solução do problema, que não poderá ser resolvido por nenhum golpe espetacular de qualquer ditador vende-pátria.

O imperialismo inglês, por sua vez, não tem também nenhuma razão de mandar sua frota de guerra para manter um enclave colonial em território argentino. É conhecida por todos a sua história de velho carrasco colonialista — e a política atual de repressão a ferro e fogo que utiliza contra os patriotas irlandeses. Na disputa com a Argentina, os imperialistas ingleses mobilizam grandes forças militares, para atemorizar os povos e para evitar uma desmoralização em plano mundial com a perda das ilhas Malvinas.

A aventura belicista dos generais argentinos acirrou as contradições interimperialistas por todo lado. As potências europeias se solidarizaram com a Inglaterra. Os Estados Unidos se apresentam como a mantes da paz e se oferecem como "mediadores", querem tirar vantagem da disputa — quem sabe uma futura base militar nas Malvinas? E os russos não ficam atrás — pretendem ficar raízes mais profundas na Argentina e abalar os alicerces da retaguarda americana. Ao mesmo tempo, todos temem um confronto e tramam acordos nos bastidores. As belas palavras e as ameaças ferozes que fazem de público pouco têm a ver com o que acertam escondidos do povo no jogo sujo da diplomacia burguesa.

O eixo central da luta do proletariado e do povo argentino e latino-americano é liquidar o regime fascista da Argentina — e colocar os destinos deste país nas mãos de um governo democrático representativo do povo e da nação. E junto com o próprio proletariado inglês, desmascarar e combater o odiado colonialismo do Império Britânico.



Emília, marquês de Rabicó, Pedrinho e Narizinho

O centenário de Monteiro Lobato, criador da Emília e do Zé Brasil

Considerado o pai da leitura infantil brasileira, e conhecido na atualidade pelos personagens do Sítio do Picapau Amarelo, o escritor Monteiro Lobato completa o centenário de nascimento no dia 18 de abril. Nacionalista, defensor das riquezas nacionais, Lobato chegou a ser preso devido às suas posições políticas avançadas. Veja na página 7.



Monteiro Lobato

Cachorro do patrão mata doméstica e dentadas

Página 8

Marítimos denunciam: cozinheiro de bordo suicidou-se para não ver a esposa e os filhos passando fome

Página 8

fala o POVO

A quem serve a ameaça de guerra nas ilhas Malvinas

No dia 2 de abril a Argentina ocupou as Ilhas Malvinas, tornando iminente uma guerra com a Inglaterra no Atlântico Sul. Por trás de toda a capa "patriótica" a atual ação do governo de Buenos Aires não passa de uma manobra, para manter no poder apesar da crise um dos regimes mais brutais e vende-pátria que já se viu na América Latina.

Uma disputa entre os dois países pela ilha se alonga há quase 150 anos (ver box ao lado). Gestões diplomáticas vêm se arrastando entre as partes envolvidas há algum tempo. Por que então o governo argentino decidiu ocupá-la logo agora, mudando subitamente a sua posição anterior de relativa tolerância?

A ação argentina se deu neste momento exatamente por causa da situação crítica por que passa o regime militar do general Galtieri. Como a **Tribuna** já vinha noticiando (ver n.ºs 63 e 64), a Argentina vive uma das maiores crises econômicas do século. Sua inflação de 150% é a maior do mundo. O Produto Interno Bruto (PIB) caiu 6,5% em 1981. E os generais se encontram numa situação de isolamento político sem precedentes, com crescentes divisões internas e repetidas manifestações de rua contra o governo. Assim, a ocupação das ilhas foi uma cartada do regime argentino. Com uma bandeira de apelo patriótico, ele tenta vencer o isolamento e desviar a aten-



ção do seu povo dos graves problemas nacionais.

GOVERNO VENDE-PÁTRIA

O chanceler argentino Nicoricon Costa Mendez descreve a ocupação como uma ação libertadora que acabou com "um dos últimos vestígios do imperialismo na América Latina". Mas o regime não tem moral nenhuma para se arvorar em defensor da soberania nacional. Em oito anos de arbítrio militar a economia da Argentina passou a ser completamente dominada pelo FMI. A dívida externa já chega à casa dos 35 bilhões de dólares, o que dá uma dívida por habitante superior à do Brasil e da Colômbia. O entreguismo chegou a

tal ponto que até o Metrô de Buenos Aires já foi colocado à venda para empresas estrangeiras!

É inegável que esta manobra trouxe frutos imediatos para o regime militar. No dia 10 de abril foi realizada uma gigantesca manifestação de 300 mil pessoas na Praça de Maio em apoio à ocupação das Malvinas. Vários partidos de oposição passaram a respaldar a ação do governo argentino, colocando que o momento é de "união nacional". E o próprio Galtieri já se arrisca a andar pelas ruas de Buenos Aires sem estar cercado por um trupeiro e bem armado corpo de guardacostas. Tudo isso seria impensável semanas atrás. Mas os generais não escapavam num beco sem saída.

De quem são as Malvinas

Do ponto de vista da reivindicação nacional os argentinos têm direito à soberania sobre as Ilhas Malvinas.

Os primeiros a pisar nas ilhas foram os ingleses, em 1690, mas os franceses foram os primeiros a ocupá-las de fato e em 1767 venderam-nas à Coroa espanhola. Em 1810, uma rebelião anti-colonial encabeçada pelo grande patriota San Martín venceu os espanhóis e fez da Argentina a primeira república independente da América Latina. As ilhas Malvinas passaram a compor naturalmente o novo estado nacional.

As políticas colonialistas continuaram a coliciar as Malvinas. Em 1831 houve uma invasão americana. E em 1833 os ingleses ocuparam as ilhas, expulsando os argentinos de lá e criando um enclave colonial a 11 mil quilômetros da Inglaterra. Desde então a disputa entre os dois países nunca cessou.

A posição assumida pelo povo nas manifestações foi de apoio irrestrito à soberania argentina sobre as Malvinas e não de apoio ao regime fascista. E os militares sabem que se houver mesmo guerra, a derrota é quase certa. Além da superioridade militar britânica, o conflito levaria ao colapso da economia argentina, já em frangalhos. Em contrapartida, se o governo Galtieri fugir do pau depois de ter mobilizado o tomando do fervor "patriótico", a humilhação vai ser total.

SITUAÇÃO DE IMPASSE

Ao se fechar esta edição a situação continuava num impasse. De um lado a Inglaterra, revivendo seus tempos áureos de superpotência colonial, iniciou um bloqueio ao redor das ilhas, localizadas a 11.000 quilômetros de Londres. De outro a Argentina, sem abandonar sua retórica agressiva, retirou sua frota da "zona de guerra" decretada pelos ingleses e aceitou unilateralmente uma proposta de trégua de 72 horas feita pelo Peru.

Já o governo norte-americano, receoso de uma briga entre dois de seus melhores amigos, tira da cartola uma proposta ainda mais absurda: a formação de uma administração tripartite, onde os EUA passariam a governar as Malvinas junto com a Inglaterra e a Argentina!



A bandeira da OLP tremula no enterro de um jovem palestino assassinado por tropas sionistas

Palestinos em revolta contra atentado sionista na mesquita

No domingo de Páscoa, o soldado israelense Alan Goodman invadiu a mesquita de Omar, em Jerusalém, uniformizado, e começou a disparar seu fuzil M-16. O saldo do atentado terrorista: três mortos e uma onda de indignação do povo palestino, que varre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza ocupadas. A violência sionista continua; terça-feira o menino Suhil, sete anos, foi morto a tiros.

Libano, oito meses após o selvagem bombardeio aéreo de Beirut; e, por outro lado, uma intensa cortina de fumaça propagandística, em torno da devolução da península do Sinai ao Egito.

Suhil participava de uma das incontáveis manifestações de protesto que se sucedem em Gaza. Quando as tropas israelenses chegaram, tentou defender-se como podia jogando pedras. Morreu com um tiro na barriga. Outros 22 palestinos foram feridos pelos tiros.

Enquanto isso, prossegue a onda de protesto dos palestinos. Uma greve geral, de uma semana, estende-se pelos territórios ocupados, pela segunda vez desde o mês passado. E os países árabes, chocados pela brutalidade do terrorismo sionista, tomam atitudes mais incisivas de condenação a Israel. O próprio governo egípcio, que anda há anos de namoro com os sionistas, teve que se moderar.

O PLANO SIONISTA

Ao que tudo indica, o recrudescimento da violência contra os 1,5 milhão de palestinos residentes em Israel é parte de um plano cuidadosamente tramado. Outras peças: a cassação de três prefeitos palestinos da Cisjordânia, substituídos por militares israelenses bônicos; a ameaça de uma nova agressão ao

O objetivo do plano é a anexação pura e simples da faixa de Gaza e da Cisjordânia ocupadas desde 1967, tal como aconteceu há quatro meses atrás com as colinas de Golá.

Dentro deste quadro, a própria apresentação do soldado terrorista Alan Goodman como um "demente" não convence, afinal, ele estava servindo normalmente às Forças Armadas de Israel, tendo passado por exames de aptidão mental. Demente, sim, é o sonho sionista de consolidar seu Estado racista por sobre a sepultura do povo palestino.

O impressionante heroísmo dos guerrilheiros de Timor-Leste

As grandes agências de informações no mundo se calam sobre o bárbaro genocídio em curso na ilha de Timor, no extremo oposto do globo. Com apoio militar e político americano, o exército da Indonésia, encabeçado pelo fascista Suharto, ocupa Timor Leste há sete anos e já exterminou mais de 200 mil pessoas, um terço da população local.

A ilha de Timor fica no arquipélago malaio, no Sudeste Asiático. A parte oeste pertence à Indonésia. E Timor-Leste foi durante cinco séculos uma colônia de Portugal. O povo maubere — como é chamada a população de Timor-Leste — levantou-se em sucessivas rebeliões contra o jugo colonial português, desde 1.719 até 1.959. Mas todas foram afogadas em sangue pelo poder colonial, sediado a mais de 25 mil quilômetros de distância.

COM A FRETILIN

Esta luta entra numa nova fase com a queda do fascismo em Portugal, em 1974. Surgem três organizações políticas em Timor-Leste: a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), exigindo independência total e imediata, rapidamente se afirma como a força principal; a UDT, apoiada pelo imperialismo americano, quer uma saída "lenta e gradual", ligada a Lisboa; e por fim a Apoderati, de longe a mais fraca, quer a integração à Indonésia.

Em 1975 há eleições convocadas pelos portugueses e a Fretelin tem 90% dos votos. Em 2 de agosto os imperialistas tentam um golpe, através da UDT, mas esse é desbaratado pela ação energética da Fretelin, que faz um apelo à insur-

reição geral e no dia 28 de novembro proclama a independência da República Democrática de Timor-Leste.

Os EUA mudam então de tática e em vez da UDT passam a defender a anexação à Indonésia. No dia 7 de dezembro de 1975, horas após uma visita do presidente americano Gerald Ford, o ditador Suharto da Indonésia invade Timor-Leste com mais de 30 mil soldados.

Segue-se, até hoje, uma das

mais heróicas epopeias de resistência popular que se conhecem. As tropas de Suharto contam com pilotos norte-americanos, armas sofisticadas e Timor-Leste passa a ser inclusive área de teste de novos armamentos dos EUA.

Até 1979, a Fretelin ainda controla 85% do território do país. Depois, com o massacre de um terço da população civil, é obrigada a recuar. Mas mantém até hoje zonas libertadas.

(Luís Fernandes)



Líderes da Fretelin; Nicolau Lobato (seta), presidente, assassinado

O proletariado e a luta nacional

A heróica epopeia do povo de Timor-Leste mostra a atualidade da questão nacional no mundo de hoje. Mas cada revindicação nacional concreta tem de ser analisada de maneira diferenciada pelo proletariado revolucionário. Os casos de Timor-Leste e da Palestina retratados nesta página são exemplos vivos de lutas nacionais que se voltam frontalmente contra o imperialismo e por isso merecem integral apoio e solidariedade.

Há o caso das ilhas Malvinas é um exemplo típico de como as classes dominantes tentam se aproveitar de uma reivindicação nacionalista para confundir as massas trabalhadoras e preservar o fascismo. Embarcar nessa canoa furada seria suicídio.



O porta-aviões britânico Hermes, mobilizado com custos imensos para o Atlântico Sul

Dívida externa avassala a Polónia

Na sua edição de 20 de março, a revista *The Economist*, órgão dos banqueiros britânicos, revela dados escandalosos sobre o desmantelamento da soberania nacional dos países dependentes através do endividamento externo. O caso mais gritante é o da Polónia dita socialista.

Com uma economia capitalista em crise aguda e um aparelho de Estado podre, a Polónia está renegociando sua dívida externa com os grandes bancos do Ocidente. Desde abril de 1981, os banqueiros, liderados pelo Chase Manhattan Bank (americano) puseram a Polónia na parede e iniciaram um processo humilhante, que inclui até uma comissão de economistas ocidentais para fazer a "monitoria" — isto é, o controle — da economia polonesa.

Como as negociações se arrastavam, com a Polónia tentando escapar do pior, os

banqueiros, representados por uma comissão de cinco (dois americanos) deram um ultimato. Dia 28 de setembro passado, em Zurique, exigiram uma reunião no dia seguinte, e às 10 horas da manhã, em Varsóvia, diretamente com o homem forte das finanças polonesas, o ministro Krzak.

Os negociadores poloneses levaram um susto: "Mas o ministro estará ocupado, tem afazeres de Estado". A resposta veio na hora, do representante do Chase (Grupo Rockefeller): "Ele que cancele seus compromissos, porque logo não haverá nenhum

Estado para ele administrar". E o ministro Krzak recebeu os banqueiros, na hora marcada, como um cachorrinho obedecendo ao dono. Logo depois saíram os primeiros acordos.

OU DÁ OU DESCE

A crise polonesa agravou-se, veio o golpe militar de 13 de dezembro, a ditadura do general Jaruzelski, e as negociações continuam, como um jogo de gato e rato. Os poloneses queriam negociar toda a dívida, inclusive os juros. Mas os banqueiros foram inflexíveis: nos juros não se mexe, não renegociam juros, só amortizações.

O resultado é o seguinte: os bancos refinanciam, em 7,5 anos com 4 anos de carência, os 2,4 bilhões de dólares de prestações que tinham

de ser pagos nos últimos nove meses de 1981. Parece até bondade... Mas os juros serão 1,75% maiores que a taxa de Londres, que já é altíssima; em caso de qualquer atraso, será cobrada uma penalidade de mais 2,75%; e ainda será cobrada uma "taxa de renegociação", de mais 1%.

JUROS NUNCA VISTOS

Somando tudo, o empréstimo renegociado atingiu juros acima dos 20%, uma taxa nunca vista nas finanças internacionais. É um exemplo clássico de como a dívida externa termina submetendo — econômica e politicamente — até países formalmente independentes, mesmo os formalmente socialistas, que entram neste círculo infernal.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011)
Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Luitosa, Bernardo Joffily, Oliveira Rangel
Síndicos: Acir: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69000. Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A, Pça. da Saudade, Caixa Postal 438, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Anísio Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000. Maranhão: Rua 7 de Setembro, 375 - Centro - São Luís - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldeira, 374 - sala 306 - Sul - Teresina

CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 71000. Paraíba: Rua Padre Meira, 30 - sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Rio de Janeiro: Rua Venâncio Nêga, 316 - 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista - Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 181 - Macaíba - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 26 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 945 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 200 - sala 101 - Faria de Santana - CEP 44100. Rio Grande do Sul: Rua do Comércio, 32 - Bairro São José - Canoas - CEP 92000. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 - sala 504 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7605 - CEP 30000. Rio de Janeiro: Rua do Contorno Rodoviário, 345-355 - Centro - CEP 20000. Galiléia: Contenda Viadouras - 3º andar - sala 411 - Juiz de Fora - CEP 38100. Goiás: Av. Goiás, 657 - sala 209 - Centro - Goiânia - CEP 74000 - Tel. 225-8889. Distrito Fe-

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Desejo receber em casa uma Assinatura da *Tribuna Operária*. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

De apoio Anual (52 ed.) Cr\$ 4.000,00 semestral (26 ed.) Cr\$ 2.000,00
Comum Anual (52 ed.) Cr\$ 2.000,00 semestral (26 ed.) Cr\$ 1.000,00

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____
Fone: _____ Data: _____
Profissão _____

Corrupto do PDS arromba Eletroacre

Um escândalo de 6 bilhões de cruzeiros está desmoralizando a política do governo no Estado do Acre. O roubo se deu na Eletroacre, poderosa empresa estatal, envolvendo o seu ex-presidente Alcero Dias e também o atual governador bionico, Joaquim Falcão Macedo e seu chefe de gabinete civil Elias Mansur. O rombo na Eletroacre atinge a cifra de 1 bilhão de cruzeiros, mas se esse valor for reajustado de acordo com a inflação, atingirá 6 bilhões.

Os desmandos administrativos chegaram a tal ponto que o Ministro César Cals se viu obrigado a entregar o caso para a Polícia Federal. O governador tentou "proteger" Alcero Dias, que é seu homem de confiança. Aliás, Alcero se afastou da companhia para se candidatar a uma vaga de deputado federal — pelo PDS é claro.

EMPRESA FANTASMA
As primeiras denúncias foram encaminhadas para o Ministro Cals pelo engenheiro Maurício Massaud, ex-funcionário da empresa que não quis entrar na panela. O mesmo aconteceu com o diretor da área financeira, Guilherme Lopes. Os dois foram despedidos. Num longo relatório, o engenheiro Maurício cita mais de 20 casos de corrupção patrocinados pelo Sr. Alcero. A coisa vai desde a compra irregular de caríssimas máquinas de impressão off-set, para a montagem de um sofisticado jornal, até o desvio (roubo mesmo) puro e simples de pneus, cimento, tijolos.

Entre as peripécias do Sr. Alcero Dias há uma que se destaca. Ele criou uma empresa fantasma, que abocanhava todas as licitações para a compra de postes que ele mesmo aprovava. Essa firma nunca existiu, nunca comprou nem um quilo de cimento, mas ganhou todas as licitações. Só com esse truque o corrupto apurou quase 15 milhões de cruzeiros.

CULPA NO CARTÓRIO
Antes do ministro César Cals entregar o caso à Polícia Federal, ainda pediu, em ofício confidencial, que o governador Macedo apurasse as irregularidades. Mas Macedo não podia, pois tinha culpa no cartório. Não queria "descobrir" nada, preferiu ficar calado. Agora até mesmo os deputados do PDS estão pedindo para o inquérito ir até o fim. Principalmente os ligados ao grupo ultra-reacionário do deputado Jorge Kalume. Ele lidera uma facção contrária ao governador, porque não conseguiu cargos para seus protegidos em empresas públicas.

A população acompanha atentamente o desenvolvimento do "Caso da Eletroacre" e pede punição para os culpados. O jornal "Gazeta do Acre", que vem publicando o andamento do inquérito, já foi três vezes ameaçado de enquadramento na Lei de Segurança. Mas tem recebido apoio dos partidos políticos de oposição, sindicatos, associações de bairros, estudantes, professores e do povo em geral (da Sucural — Rio Branco - Acre)



A ponte que causou tantas dívidas.

Prefeitura de Cananéia gasta o que não tem

No dia 22 de abril será inaugurada em Cananéia a ponte sobre o Mar Pequeno. Há muitos anos que a população daquela sofrida cidade do Vale da Ribeira, Estado de São Paulo, vinha reivindicando esse melhoramento, que liga a bela cidade ao continente.

Mas nem tudo é alegria para Cananéia. O prefeito Herculano de Oliveira gastará rios de dinheiro na festa de inauguração, matará quarenta bois e servirá três mil litros de cerveja. Segundo membros do Diretório do PMDB local, a prefeitura está totalmente endividada, com títulos protestados em cartório. A administração está falida. Os opositores afirmam que Herculano chegou em Cananéia há uns oito anos atrás, de mãos vazias. Hoje é um dos homens mais ricos da região, tem uma mansão em Campinas e outra em Ubatuba além da casa e propriedades em Cananéia. Para ele a construção da ponte foi um bom negócio. No cartório de Jacupiranga, apenas no período entre 3 de novembro de 1980 e 15 de janeiro de 82, foram protestados títulos e duplicatas da Prefeitura, no valor de 937 mil cruzeiros.

Imprensa condenada pelos militares

Mais uma bomba contra a liberdade de imprensa no país. No último dia 13 o Supremo Tribunal Federal decidiu condenar os três diretores do jornal "Hora do Povo" a dois anos e três meses de prisão.

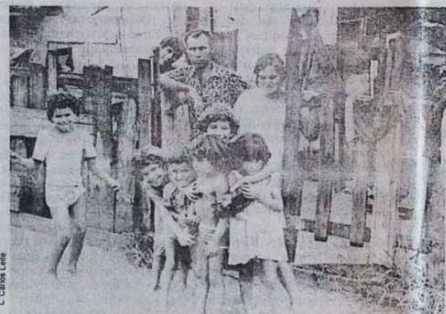
Este ato arbitrário ocorreu pouco tempo após o general Figueiredo ter indicado para o Supremo Tribunal Federal o fascista Alfredo Buzaid, mais conhecido como "o pai da censura". A decisão unânime dos juizes, de condenar os três diretores, mostra bem qual é o caráter do judiciário em nosso país. A condenação se deve ao fato do jornal ter denunciado no ano passado o envio ilegal de grandes fortunas para fora do país. No escândalo estavam envolvidos 152 personalidades e autoridades governamentais, que teriam depositado cerca de 700 milhões de cruzeiros nos bancos da Suíça.

Agora, ao invés da "justiça" averiguar as denúncias, punindo os responsáveis, ela decide condenar os denunciantes. Como afirma nota

do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, a atitude é "mais um golpe infligido à liberdade de imprensa", já que não atinge apenas o "Hora do Povo", mas é uma rasteira suja contra toda a imprensa, principalmente a de oposição. Os generais, vendo o atoleiro em que enfiaram o país, não aceitam que a sociedade os critique e peça mudanças radicais. E mandam seus servidores no judiciário condenar os opositores.

"RECRUESCIMENTO"
Nesta esteira do "recruescimento" anunciado por Figueiredo, ocorre no dia 16 o julgamento das onze lideranças sindicais do ABC, que dirigiram a greve de 1980. Também neste fato os militares não visam atingir apenas os onze sentenciados. Seu alvo principal é a greve, como forma de protesto e luta dos trabalhadores descontentes com as péssimas condições de vida.

Nos dois episódios, quem está sendo conduzido ao banco dos réus é o povo brasileiro, que não aceita mais a tutela dos generais.



O mínimo de Cr\$ 16.592,00 é um insulto para a família do trabalhador.

O novo mínimo vai aumentar a fome

Cuidado trabalhadores! Isto é um assalto! O governo vai reajustar o novo salário mínimo para Cr\$ 16.592,00. Mais uma vez Figueiredo deixa de lado os 10% acima do INPC, que dariam um mínimo de Cr\$ 18.112,00. Um roubo de Cr\$ 1.524,00. Se compararmos com os critérios que a própria Constituição estabelece, o mínimo deveria passar dos 40 mil cruzeiros!

Os reajustes salariais de 10%, acima do INPC, para os que ganham até 3 salários mínimos foram conquistas dos movimentos grevistas de 1978-1979. Mas desde maio de 1981 o governo não vem aplicando esse critério em todo Brasil. O critério utilizado visa diminuir ainda mais o poder aquisitivo do salário.

O governo utiliza o salário mínimo como um instrumento poderoso de arrocho salarial, descepitando até mesmo a Constituição, que ele mesmo fez e que especifica: "O salário mínimo deve ser suficiente para atender as necessidades do trabalhador e de sua família". Cada vez mais ele é um mínimo de salário, mas que serve de base para toda a política salarial do governo. Mais de 35 milhões de trabalhadores ganham menos do que dois salários mínimos. Para todos os trabalhadores, o reajuste do mínimo é vital.

O INPC LONGE DA VERDADE

Uma das formas de arrochar o mínimo é o tal do INPC. Esse índice foi bolado pela turma do Delfim Netto, para representar a variação do custo de vida em todo o Brasil. Os trabalhadores não têm nenhuma participação na elaboração e no cálculo; além disso, Delfim Netto já provou várias vezes que não merece a confiança dos trabalhadores.

Não dá para confiar no INPC. Nos 12 meses terminados em janeiro de 1982, o INPC foi de 93,1%, enquanto o custo de vida em Porto Alegre foi de 93,5%, em Brasília, 106%, em Recife 110,5%. O INPC é calculado em 10 cidades, e na hora de totalizar, cada cidade entra com um peso de acordo com sua população. Como São Paulo

tem a maior população e um dos menores custos de vida do Brasil, os outros estados levam na cabeça, ainda mais.

CORTANDO O ORÇAMENTO

Mas os paulistas também saem mal. Os institutos de pesquisa paulistas calcularam o custo de vida nesse mesmo período em 89%. Mas para fazer esse cálculo foram utilizados processos de pesquisas totalmente ultrapassados, com mais de 8 anos. Essas pesquisas estudaram o orçamento das famílias de trabalhadores e calcularam o peso que as despesas e compras têm no orçamento. Nesses cálculos os principais itens são alimentação, transporte, moradia, serviços públicos, vestuário, higiene pessoal e despesas com saúde. O INPC, que é calculado pelo IBGE, se baseia numa pesquisa feita em 1975.

Principalmente depois da recessão econômica, que disparou em 1981, o orçamento das famílias mudou completamente. Os gastos com roupas, recreação e lazer e até mesmo com alimentos passaram a ter um peso cada vez menor. Não por acaso o povo tem melhorado de vida. Foi o contrário que aconteceu. Os alugueiros, os transportes, a conta de água e de luz, os serviços médicos, remédios, passaram a pesar muito mais no orçamento familiar, pois tiveram aumentos muito acima da inflação geral.

Os trabalhadores tiveram que cortar as despesas com roupas, lazer e alimentos. Esse foi um dos fatores da queda de mais de 10% no comércio varejista. Uma pesquisa recente, feita no ABC paulista, dá um sinal de alerta: no ano de 1981 houve uma queda de 50% no consumo de leite. Até mesmo a alimentação infantil está sendo cortada.

Os outros gastos, ao mesmo tempo que estão subindo acima da média, são também itens que não podem ser cortados. Não dá para cortar o aluguel, a conta de luz ou discutir com o cobrador o preço do ônibus. Num período de 12 meses, enquanto o INPC variou 93%, os serviços públicos variaram 142,8 agosto, 1981. Os salários também foram cortados e os remédios aumentaram 120%.

(Luiz Gonzaga)

Governo com medo das urnas ameaça oposição

O revanchismo é a palavra do momento na boca dos militares e dos políticos do PDS. Para evitar que durante a campanha eleitoral a oposição denuncie o arbítrio do regime militar e apresente um projeto democrático de governo, os governantes já ameaçam com o retrocesso político.

A medida em que se aproxima a data da eleição, o governo aumenta suas ameaças, buscando intimidar o povo e a oposição, ao mesmo tempo que vai lançando mão de um número cada vez maior de casuísticas para impedir o livre exercício do voto e garantir a continuidade do monopólio do poder com os generais. Nos últimos dias, a cantilena ameaças do governo tem sido feita em torno do revanchismo. A nível público, quem está regendo a orquestra de ameaças em torno do revanchismo é o coronel Jarbas Passarinho, um dos golpistas de 64, que atualmente preside o Senado.

BANCO DOS RÉUS

Segundo o coronel Passarinho, está havendo "brutalidade no ataque às pessoas que tiveram responsabilidade no movimento de 64 e não a renegarem". O coronel ainda faz ameaças de que a vontade popular manifestada nas urnas não seja respeitada caso "pessoas sobre as quais repositou a responsabilidade de garantir a paz social sintam-se amanhã, premiadas ao contrário, sacrificarem-se, às vezes até a própria vida, para, no fim, tudo que fizeram ser considerado num maniqueísmo extremamente barato, a representação do mal contra o bem, ir ao banco dos réus".

Fazendo coro com o Passarinho, o líder do governo na Câmara Federal, Cantídio Sampaio, também ameaça: "Mesmo que se chegue à democracia, é mister que não se abuse, através de radicalismos indesejáveis ou de revanchismos perigosos. Do contrário, uma regressão pode ocorrer".

A intenção do governo com essas ameaças é clara: quer que a oposição faça uma campanha eleitoral sem um caráter popular, denunciando o arbítrio, as injustiças e a violência em que vive a população e apresente um projeto democrático de governo. Os militares não aceitam deixar o poder, que tomaram pela força e no qual se mantiveram às custas da repressão generalizada, prendendo, torturando e até assassinando trabalhadores e democratas.

PRIVILEGIO DOS GOLPISTAS

Como afirmou o deputado Francisco Pinto, secretário-geral do PMDB, "o senador Jarbas Passarinho não gosta do revanchismo porque imagina que vamos praticar as mesmas coisas que eles praticaram. Exemplo: como eles torturaram, não querem ser torturados. Mas podem ficar tranquilos, pois não vamos concorrer para a manutenção dessas práticas. Isso é privilégio dos homens que fizeram o golpe de 64".

Os autênticos do antigo MDB ganharam expressivo apoio popular nas eleições de 74 e 78 graças à posição oposicionista consequente, de denunciar o entreguismo do governo, o arrocho salarial, o cercamento às liberdades democráticas. E como afirmou o presidente do partido, Ulisses Guimarães, "o PMDB tem o dever de denunciar o arbítrio, as violências, os erros clamorosos da administração." O PMDB tem o dever de



Para Chico Pinto, Passarinho teme a oposição no poder.



Os responsáveis pela situação calamitosa em que o país se encontra responderão nas urnas, em novembro, pelo que fizeram. O povo quer justiça. O povo quer decidir sobre os destinos do país. Como afirmou um senador, o povo não esquecerá 64, "mesmo porque ele foi tão duro, impôs tanto sacrifício aos outros, que seria impossível esquecer-lo." E nem as ameaças dos militares vão fazer o povo decidir de acabar com o regime anti-democrático e anti-popular.

Oposição na Bahia mais forte para derrotar PDS

Após dois meses de negociação, o PMDB baiano decidiu no último dia 7 quais serão seus candidatos à governança, vice e senador. Com isto unificou suas fileiras, fortalecendo-se para derrotar o PDS.

Na reunião da direção do PMDB na Bahia ficou acertado que Roberto Santos, ex-PP, será o candidato ao governo estadual. Rômulo Almeida, presidente do PMDB, à vice-governança; e Valdir Pires, ao Senado. Esta unificação, num partido que já tem diretores em 335 municípios, desespera o governador-demagogo Antônio Carlos Magalhães, que vivia afirmando que o PDS obteria 1,3 milhões de votos a mais do que a Oposição. Além do que, no partido do governo a unidade é mais difícil de ser obtida, já que há tantos carreiristas disputando. No caso da Bahia três concorrentes degladiam-se.

INFLUÊNCIA POPULAR

Outro fato significativo desta decisão do PMDB é que cresceu a influência dentro do partido dos setores populares, representados pela Tendência Popular dirigida por Chico Pinto. Tanto que no comando político da campanha eleitoral, composto por 15 membros, cinco são da



Da esquerda para direita, sentados: Valdir Pires Pires, Rômulo Almeida e Roberto Santos. A chapa do PMDB.

Tendência Popular. Esta participação eletiva no processo eleitoral obriga os candidatos liberais a assumirem e se comprometerem com posições mais progressistas. Roberto Santos disse ao final da reunião do dia 7 que "os movimentos populares, o exemplo do Movimento Contra a Carestia, devem ser apoiados e estimulados. E isso não só nas grandes cidades, mas que se alastrem por cidades pequenas e médias do interior baiano".

Sandra Soares, da Coordenação do Movimento Contra a Carestia, é de opinião que a escolha da chapa do PMDB e

sua ligação com as forças populares fortalece em muito a oposição na Bahia "Há um divisor de águas claro entre o candidato da oposição e o de Antônio Carlos Magalhães. O respeito e apoio eletivo aos movimentos e organizações populares ampliam o respaldo político do candidato do PMDB, contribuindo para uma fragorosa derrota do candidato do regime militar e de sua política de fome, repressão e perseguição". O candidato único das oposições ao governo de PDS e o senhor Antônio Carlos em grandes dificuldades, (da Sucural)

Cúpula do PMDB impõe candidato no Espírito Santo

Apoiado pela cúpula do partido e por setores conservadores e direitistas, o deputado federal Gerson Camata foi escolhido candidato ao governo do Espírito Santo pelo PMDB. A pré-convenção que escolheu o candidato ao governo teve a presença de 2.500 pessoas, muitas vindas de caravanas do interior. O candidato escolhido, Camata, foi eleito deputado pela extinta Arena, e o senador Dirceu Cardoso,

que também pleiteava a candidatura ao governo, denunciou que ele favoreceu grandes grupos econômicos do Espírito Santo.

O candidato apoiado pelas bases do PMDB, pela Tendência Popular e outros setores, deputado federal Max Mauro, ganhou a maioria dos votos das convenções e delegados do interior, mas foi derrotado na cúpula do partido, onde muitos

parlamentares tinham dois ou três votos e os demais candidato da direita, Gerson Camata, Max teve cinco votos a menos que Camata.

Ao final da votação, após mais de 7 horas de trabalho, um grupo de pessoas que apoiava Camata tentou sequestrar a candidatura de Max Mauro, gritando o seu nome para o Senado. Mas a manobra não foi adiante. (Da Sucural)

Iniciada preparação do Primeiro de Maio

Aproxima-se a comemoração do Primeiro de Maio, o dia internacional dos trabalhadores. Nesta data no mundo inteiro os explorados saem às ruas para exigir o fim da exploração de classe, para levantarem bem alto a bandeira da libertação social.

No Brasil, principalmente a partir das greves de 1978, o movimento operário rompeu com a imposição governamental de comemorar o dia com festas, como se a situação dos assalariados fosse de um mar de rosas. De lá para cá grandes manifestações de protesto ocorreram, como a passeata do 150 mil no ABC em 1980. Mesmo no campo os lavradores têm realizado atos unitários, onde exigem sobretudo a reforma agrária.

Neste ano a data ganha ainda mais importância, já que haverá a realização do Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras que tem como objetivo fundar a Central Única dos Trabalhadores. As manifestações do 1º de Maio terão o papel de dar um novo impulso na preparação do Congresso e também de mostrar a disposição de luta dos assalariados em contraposição ao imobilismo de inúmeras direções sindicais. Outro fator que dá peso a data é que neste ano estão marcadas as eleições de novembro. Esta é uma excelente oportunidade de a nível nacional os trabalhadores exigirem eleições limpas e sem castelismo. E também de mostrar o seu repúdio à política econômica desastrosa dos generais. De protestar contra o Pacote da Previdência, contra as demissões de milhares de operários, o arrocho salarial e a falta de liberdade no país.

ALGUNS OBSTÁCULOS

O processo de preparação do 1º de Maio se iniciou em vários Estados, com a realização de reuniões intersindicais e de debates nos Sindicatos. No entanto, nota-se desde já dois obstáculos para realização de manifestações unitárias e massivas. Uma delas, que aparece claramente, é a tentativa por parte de alguns sindicalistas ligados ao chamado Partido dos Trabalhadores de dividir a comemoração. Em São Paulo, por exemplo, parte das direções de entidades sindicais como a dos professores e bancários, desrespeitando a deliberação da Comissão Sindical Única do Estado de realizar um ato público na Praça da Sé, reafirmam a cada oportunidade que irão fazer um ato paralelo em São Bernardo.

Outro obstáculo notado nas reuniões intersindicais é colocado por sindicalistas atrasados. Eles pretendem isolar as manifestações, dando-lhes apenas um caráter sindicalista, retirando seu significado proletário contra a exploração capitalista, contra o imperialismo e contra o regime militar opressor. Na última reunião da Comissão Sindical Única de São Paulo, realizada dia 7 no Sindicato dos Químicos, esta posição ficou bastante clara.

Mas foi contestada. O representante da Associação dos Profissionais em

Processamento de Dados, Francisco de Assis, argumentou que "é correto os Sindicatos centralizarem a preparação do 1º de Maio. Mas querer agora aliar outras organizações operárias e populares da manifestação, principalmente quando ela se reveste de um caráter anti-regime militar, é um erro. É restringir a luta dos trabalhadores aos marcos do movimento sindical, esquivando-se do importante papel que estas organizações têm na luta do povo".

Pró-CUT define critérios para a Conclat

A Comissão Pró-CUT, reunida no dia 4 deste mês, em Brasília, decidiu sobre o tema e os critérios de participação para os Encontros estaduais e para o Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras. O tema será de 3 pontos: A questão nacional e o avanço das lutas da classe trabalhadora; O movimento sindical e a organização da CUT. A questão internacional.

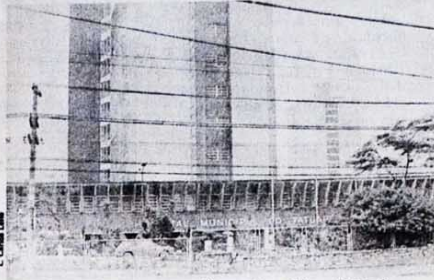
Os critérios de participação reduzem bastante o número de delegados, em comparação com os da I Conclat. As entidades de funcionários públicos vão ter o direito de enviar um delegado por diretoria e os delegados de base na mesma proporção dos sindicatos, mas com base não no número da categoria e sim no número de associados. As entidades nacionais dos funcionários poderão indicar 3 diretores. Os delegados dos sindicatos serão: até 2.000 trabalhadores da categoria: 3 diretores e 1 de base; até 10.000 trabalhadores da categoria: 4 diretores e 2 de base; até 30.000 trabalhadores da categoria: 5 diretores e 3 de base; até 100.000 trabalhadores da categoria: 6 diretores e 4 de base; até 200.000 trabalhadores da categoria: 7 diretores e 5 de base.

As Federações e Confederações terão o direito de mandar 7 diretores.

Ficou ainda definido que os Enclats devem ser realizados no máximo até o dia 30 de junho. Estas definições formais não alteram a prática imobilista da Pró-CUT. Não serão estas datas e critérios que decidirão os rumos da Conclat, se haverá ou não uma efetiva mobilização das bases em torno dos problemas candentes atuais. E a redução dos delegados só contribui para diminuir a representatividade do encontro.

Perigo de vida no Hospital do Tatuapé

Enfermeiros, auxiliares e atendentes, num total de treze funcionários do Hospital Municipal do Tatuapé, São Paulo, reuniram-se para denunciar à *Tribuna Operária* a situação em que trabalham e em que são atendidos os pacientes nessa casa de saúde. Para evitar a perseguição dentro do Hospital, preferiram não dizer seus nomes. Denunciaram desde o desprezo às leis trabalhistas e o péssimo atendimento à população, até as mordomias para os protegidos do governo e da direção do hospital.



O prédio é moderno, mas o atendimento é precário no Tatuapé

O Hospital do Tatuapé tem 480 leitos, mas atende cerca de 700 pacientes por dia. Existem doentes que dormem no chão, por falta de colchão e até de lençol para cobri-los. Há pacientes que seguram, eles próprios, em pé, o recipiente com o soro que devem tomar. Faltam medicamentos. "Uma criança veio para cá com meningite, deram uma Novalgina pra ela e mandaram embora", conta uma funcionária. Pessoas com doenças contagiosas ficam no mesmo quarto que outros pacientes. Alguns têm que comprar o fio de nylon usado na sua operação. As mães levam fraldas de casa para seus filhos, pois falta no bercário do hospital.

MORDOMIAS PARA FAMILIARES

"Mas isso não é com todos", denuncia uma atendente. "Quando a mãe do diretor, Ruy César Fortes, foi internada, teve muita mordomia. O diretor mandou pintar um quarto, arranjou um aspirador de pó e televisão, só para ela. Para todo mundo falta lençol, mas para a mãezinha do diretor tinha lençol limpo na hora. Até enfermeira exclusiva arranjou para ela. Outra que teve essas mordomias foi a mãe de um juiz do Tribunal de Justiça de São Paulo".

Uma enfermeira se queixa: "nós trabalhamos com doenças contagiosas, e não recebemos descontos. Não temos contrato de Trabalho assinado. Até uniformes temos que comprar com nosso dinheiro. Se somos despedidos, não temos direito a nada. Ficamos até 12 horas de plantão sem nada para comer. Teve uma época que faltava comida até para as crianças internadas. É um absurdo!".

"Eu trabalho tão cansada, que durmo no ônibus", conta uma auxiliar de enfermagem. "Somos obrigadas a trabalhar mesmo quando estamos doentes. Nossa licença médica é cortada sem nenhuma explicação. Teve um funcionário que morreu trabalhando, com hipertensão, porque a licença dele havia sido cortada. E o diretor ainda diz que o funcionário público é vagabundo, que inventa que está doente para faltar no serviço".

O PREFEITO DÁ RISADA

Uma atendente queixa-se da demagogia do prefeito Reynaldo de Barros: "ele foi na televisão dizer que construiu casas para o funcionalismo. Mas isso é mentira, porque os funcionários não têm essas casas. Com o salário que recebemos, nem dá para se inscrever na Cobab".

Teve uma funcionária que foi falar com o prefeito sobre isso. O Reynaldo pediu para ela apresentar atestado de pobreza. Ela não pensou duas vezes e mostrou o recibo de pagamento. Estava lá, Cr\$ 37 mil por mês, pra sustentar quatro filhos, pagar aluguel e tudo. O prefeito deu risada e disse que era isso mesmo. Mas ele não devia dar risada, porque os responsáveis por essa situação são pessoas como ele, que usam o dinheiro do povo para fazer campanha eleitoral e arrocham o salário dos trabalhadores".

Durante a recente greve do funcionalismo, os servidores do Tatuapé tiveram atuação destacada, e foram duramente reprimidos. O diretor do hospital chamou o DOPS, que prendeu quase 30 pessoas na sala onde os funcionários estavam em assembleia. Organizados na Associação dos Trabalhadores do Hospital Tatuapé, os funcionários resistiram às pressões e mantiveram a greve. "Muitos ficaram com medo", relembra uma funcionária, "mas sabiam que sem luta não íamos ganhar melhor. Ainda não conseguimos os 140% que queríamos de reajuste. Mas a luta continua, e este é ano de eleição. Não vamos desistir de brigar por nossos direitos".

Operário eletrocutado no estaleiro de Niterói

Marco Antônio, 23 anos de idade, operário do Estaleiro Renave, em Niterói, Rio de Janeiro, morreu eletrocutado no dia 24 de março. A empresa foi a culpada direta pelo acidente fatal, já que mesmo avisada deixou uma máquina com defeito ligada, com grande carga de energia. No enterro um companheiro operário da Tribuna solidarizou-se com a família. Levou uma coroa de flores e uma faixa com os dizeres: "Ao companheiro Marco Antônio. Vítima da grande exploração capitalista".



Estaleiros sempre mobilizados contra as condições de trabalho

Marco trabalhava no estaleiro há quatro anos e três meses. No dia 24 subiu junto com vários companheiros da turma ao andaime, no interior da chapa que estava encostada no navio Kokar Theodor, em reparo. No local havia uma máquina de solda danificada, mas que estava eletrificada. Há dias os operários avisavam os chefes e encarregados sobre o defeito, e nenhuma providência foi tomada.

Na manhã daquele mesmo dia, dois operários já haviam levado choque ao encostar na máquina, com sua carga de 440 volts. Durante o dia choveu muito, com os operários molhados, mais vulneráveis à carga elétrica. Marco ao ver um pedaço de arame que lhe seria útil para amarrar o andaime próximo à máquina foi apressado. Ao tocar o fio ficou agarrado à máquina. Ficou quase um minuto eletrocutado. Quando os companheiros perceberam, libertaram-no jogando um pedaço de madeira na máquina e agarrando o companheiro antes dele cair na água.

MAIS UM ASSASSINADO

O navio estava ancorado no largo (no meio da baía), sem nem sequer uma lanterna para socorrer os operários em caso de acidente. Por acaso pouco depois das 12:30 horas, horário do acidente, apareceu uma lanterna que conduziu Marco à terra,

demorando mais de 40 minutos. Um operário da Renave conta como foi: "Nós torcemos muito para o companheiro viver. No barrete, na terra, esperamos ainda uns 20 minutos pela ambulância. Foi aí que começamos a ver o companheiro ser afastado de seu martelo, dos seus andaimas e de todos os companheiros de luta. Ele foi levado às pressas para o hospital, mas já era tarde, nada valeu a correria dos médicos. A Renave já tinha assassinado mais um operário".

PARALIZAÇÃO E REVOLTA

No dia seguinte, quinta-feira, os operários da turma do andaime paralisaram o serviço para ir ao enterro. A Renave usou todas as maneiras sujas para impedir que os operários saíssem, mas não conseguiu detê-los. E mesmo em outras segões houve paralisação, com os trabalhadores saindo no peito, na frente dos encarregados.

Quando a Tribuna chegou ao velório a mãe de Marco, chorando desesperada, pediu para denunciarmos a todos os operários o que tinha acontecido. "Eu não quero que outras mães percam seus filhos". Vários operários amigos e vizinhos de Marco fizeram denúncias e culpam a Renave pela morte. Um companheiro, bastante marcado pela exploração capitalista,

comentou: "Lá é a Lei do Cão. É um verdadeiro matadouro de operários. Amanhã (dia 26) faz 15 dias que morreu um outro companheiro nosso. Vários já estão enterrados".

Um assistente social da Renave várias vezes se infiltrou numa roda de operários que faziam denúncias à Tribuna para tentar intimidá-los. Mesmo assim ninguém se calou. Um companheiro de Marco afirmou: "Se tivesse socorro, talvez o Marco não morresse. Se tem sempre várias lanças para trazer e levar diretores e patrões, por que não uma para os operários? Afinal são eles que constroem toda a riqueza".

Outro operário contou que "um dia antes do enterro da solda se recusaram a fazer a vistoria (serão à noite) e agora correm o risco de serem punidos e até demitidos, caso não peçam humilhação aos operários. E nós não temos nenhuma segurança. Só neste mês já se foram dois companheiros. E o Ministério do Trabalho, que devia fiscalizar a segurança nada faz, fica omissivo, só defende os patrões".

Na hora do enterro, todos muito emocionados, com lágrimas, um companheiro falou: "Marco, meu companheiro, você vai ser vingado".

(Um operário dos estaleiros, correspondente da Tribuna em Niterói)

Diretor quer Conam democrática e forte

A Tribuna Operária entrevistou o vice-presidente da Região Norte da Confederação Nacional de Associações de Moradores, Oswaldo da Souza Cruz, e sua esposa, Maria das Graças, membro do Centro Comunitário do bairro do Acampamento, em Belém.

Segundo Oswaldo e Maria das Graças, o encontro de Belém mostrou que as entidades de bairro da cidade começam a dar um apoio mais efetivo à Confederação Nacional de Associações de Moradores, Conam. "Na capital paraense", afirma Oswaldo, "já existe a Comissão de Bairros de Belém, que congrega todas as Associações de Moradores e vai se ligar à Conam. No entanto, tem feito algumas críticas justas. A CBB considera, por exemplo, que todas as entidades devem ter voz ativa e dar uma contribuição efetiva à Conam. E para isso é preciso que a diretoria ouça todas as associações e leve em conta suas reivindicações".

"A CBB, assim como nós também prossegue Maria das Graças, acha que a Conam precisa ter uma plataforma política, exigir eleições limpas este ano, lutar contra o monopólio da terra, que ocorre inclusive nas cidades; combater a carência, exigir melhores condições de moradia, transporte, saúde e educação para o povo".

Maria das Graças não concorda com a decisão da diretoria da Conam, de



Oswaldo quer Conam com rumo correto

apoiar a candidatura de alguns de seus diretores a cargos políticos. Oswaldo tem a mesma opinião: "A Conam não pode ser cabo eleitoral de ninguém. Deve congrega todos os que se identificam com suas lutas e não privilegiar este ou aquele partido político".

Também é fonte de preocupação para ambos a questão financeira. "A diretoria precisa fazer prestação de contas abertamente", diz Oswaldo. Uma entidade de massas, se não prestar conta de cada centavo dá brecha aos divisionistas, aos que vivem combatendo a Conam".

"Mas também não apoiamos", frisa Oswaldo, "as que saem da Conam por que têm críticas a ela. A unidade do movimento popular é preciosa. Não podemos sair por aí criando associações nacionais se já existe a Conam. Se ela tem problemas, devemos debater isso dentro da entidade, e a não fora dela. Ela precisa ser fortalecida".

Os camponeses de Ilha Boa Vista

Polícia do Rio prende doze lavradores

No dia 17 de março 12 lavradores de Ilha Boa Vista, em Cabo Frio, no Rio de Janeiro, foram presos e humilhados e escorpetas. Eles pertenciam a um grupo de 32 camponeses que há tempos ocupou as terras abandonadas da Fazenda Campos Novos, cultivando-as. A mando do fazendeiro a polícia apareceu na manhã deste dia, armada com metralhadoras e escopetas. José Lício, um dos presos, falou à Tribuna que a polícia chegou e foi logo empurrando os 12 para dentro do camburão. "Dai, ao invés de tocar para a delegacia, fomos à sede da Fazenda comemorar a nossa desocupação e churrasco. Nos deixaram dentro do camburão no sol escaldante por mais de duas horas". O delegado que acompanhava toda a operação ordenou que um capataz vigiasse os presos, dizendo que se algum tentasse fugir era para atirar na cabeça e se algum fugisse o capataz e seria preso. Os trabalhadores ficaram durante toda a noite presos e só foram soltos no dia seguinte, depois que a comunidade coletou 51 mil cruzeiros para pagar a fiança. Só que os camponeses não se intimidaram. (da sucursal)

Camponeses são expulsos de suas terras

Quatro policiais de Rio Branco, no Acre, foram ao município de Tarauacá no dia 24 e prenderam sete lavradores. As ordens para o ato terrorista partiram do deputado do PDS, Valtér Prado, e contaram com a participação direta do Corregedor Geral de Polícia, Cesar Contes. Os detidos — entre eles Francisco Santos, que é genro do candidato popular à Assembleia Legislativa, Raimundo Trovada — foram torturados e ameaçados de morte. Um deles teve que ficar empé durante o dia todo para que confessasse ser o culpado da morte recente de um fazendeiro. A mulher do lavrador Antonio Rodrigues também foi detida e ameaçada de torturas. Agora os camponeses exigem a libertação dos presos e prometem fazer do 1º de Maio um dia de protesto contra a violência dos fazendeiros. (da sucursal)

Tensão social às margens da barragem

Trabalhadores rurais próximo à barragem de Itaparica, entre Bahia e Pernambuco, impediram que a máquina da CHESF continuasse a abrir as estradas na região. Isso porque a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) não cumpriu a promessa de reassentar as famílias dos trabalhadores afetadas pelas águas da barragem. Os lavradores querem que as áreas escolhidas por eles para reassentamentos sejam de terras prioritárias para fins de reforma agrária e desapropriadas para assentar as famílias sem terras. Existe uma grande tensão social na região onde estão as 232 famílias mais prejudicadas com o início das obras.

Camponeses do Acre sofrem torturas da PM

Diversos lavradores foram expulsos da reserva de matas da fazenda Santa Rita do Sampaio em São Paulo. Os policiais chegaram ao local na manhã do dia 24 de março e encontraram cerca de 30 lavradores limpando o terreno para cultivá-lo. Com armas de grosso calibre, militares recolheram facas, foices e uma pequena espingarda dos trabalhadores e queimaram os seus machos. Um soldado disse que as belhas contra a tropa. Esta ação de despejo foi decretada pelo juiz Zélio Vavalli em favor do fazendeiro Elzio de Andrade, mas juridicamente esta gleba já foi declarada como sendo do Estado. Os lavradores disseram que irão voltar e reconstruir seus ranchos queimados. (Do correspondente)

Peão queima escritório do Polo gaúcho

Cinco operários foram baleados pela polícia no Polo Petroquímico do Rio Grande do Sul, no dia 8 de abril. Eles trabalhavam na empresa Ultratec e foram reclamar de erros no pagamento.

Tudo começou na manhã do dia 8, quando 38 pedes pediram a conta e foram receber no alojamento, mas como sempre o pagamento saiu errado. Alguns foram até o escritório do Polo exigir seus direitos. Lá encontraram a má vontade dos funcionários. Quando insistiram, a polícia interveio. Os operários foram empurrados para fora do escritório mas não se intimidaram. Tentaram entrar de novo e foram baleados. O Caçunim Machado recebeu um tiro calibre 12 na perna e está hospitalizado em Canoas. Paulo Siqueira levou uma coronhada na cabeça, um outro operário levou um tiro na boca. Ao final, cinco feridos.

Os policiais estavam a serviço da empresa caleteira. Um deles **Neôbio**, é um conhecido torturador. Mas a valentia dos policiais acabou quando os dois mil operários, que foram investigar os tiros, partiram para cima da polícia. Revoltados, os operários queimaram o escritório, a enfermaria e a sala do régoio de ponto da Ultratec. Arrebentaram dos automóveis e cercaram os policiais para linchá-los. Mas nessa altura chegaram reforços da brigada militar e um batalhão de choque.

As obras do polo são uma praça de guerra, o quebra-quebra na Ultratec ocorreu apenas três dias depois da greve de 2 mil pedes das construtoras e empresas. (da sucursal)

Bombeiros vaiados em Salvador

No dia 12 de abril, em plena zona comercial de Salvador, mais de mil populares ameaçaram depredar duas viaturas do Corpo de Bombeiros. O protesto se deu devido à tragédia vivida por quatro operários da empresa R.G. Construções, que estavam trabalhando na conservação do prédio-sede do Banco do Estado da Bahia S. A. BANE.

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)

Um dos andames despençou e os operários Antonio Carlos Rodrigues e Luiz Carlos Rodrigues ficaram presos por um fio. O Corpo de Bombeiros foi chamado e apesar de ficar 10 minutos do lugar, demorou mais de uma hora para chegar. E qual não foi a surpresa do povo quando chegaram com uma escada de menos de três metros de comprimento. O ódio da população foi crescendo porque quando chegou a escada Magirus os operários já haviam sido salvos através de uma corda, puxada pelo teto por funcionários do banco. O drama dos trabalhadores durou mais de duas horas. O povo ameaçou também linchar agentes de segurança que deram sumiço nos operários, assim que estes foram salvos. O protesto dos populares denuncia o desprezo dos patrões com a vida dos operários. (da sucursal)



Maluf foi acusado pela corrupção e arrocho salarial

Maluf queimado por servidores públicos

Um boneco representando o governador de São Paulo, Salim Maluf, foi queimado no dia 14, na praça da Sé, durante ato público do funcionalismo. Os funcionários queimaram a abertura das negociações salariais com o governo, 140% de reajuste sem parcelamento e o direito ao reajuste semestral de seus salários.

O funcionalismo estadual e municipal fez o julgamento em praça pública do governador Maluf e do prefeito Reinaldo de Barros. Os dois foram considerados culpados pelo arrocho salarial do funcionalismo, pela repressão aos trabalhadores no Estado e pelo verdadeiro mar de corrupção em que estão envolvidas as administrações estadual e municipal de São Paulo. Embora os promotores do julgamento tenham procurado um advogado para defender Maluf e Reinaldo, ninguém aceitou a tarefa. "É que não há quem defenda esse governo em praça pública", afirmou um funcionário.

Os funcionários que foram à praça tiveram que se deslocar ao local onde estava o boneco para garantir seu transporte, em passeata, ao local de julgamento. Aos gritos de "Salim Salim, seu governo está no fim", os manifestantes queimaram o boneco, antecipando a queima do Maluf nas urnas, em novembro", observou uma professora.



Os funcionários decidiram queimar o boneco do governador



Os funcionários decidiram queimar o boneco do governador

Dividir a UNE é jogo do governo

Nas últimas semanas, a Tribuna tem divulgado a luta dos universitários brasileiros contra o aumento abusivo dos preços das refeições nos Restaurantes Universitários instituído pelo MEC. Sob a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE), as entidades estudantis de todo o país se reuniram em Conselho e decidiram denunciar as intenções do MEC instituir o ensino pago nas universidades federais e mobilizar os universitários que se utilizam dos restaurantes.

Inúmeras universidades entraram em greve e em algumas foram conquistadas importantes vitórias. No entanto, algumas entidades orientadas pelo PT, que insistem em solapar a diretoria da UNE, buscaram criar uma estrutura paralela à entidade. Realizaram um encontro em Salvador, Bahia, na mais grave tentativa de divisão do movimento estudantil. Mas a diretoria da UNE rapidamente desmascarou o encontro. Os que buscaram dividir a luta estudantil e a UNE fazem, na prática, o jogo do governo.

Campanha em defesa do ensino gratuito

Foi lançado no último dia 13 a Campanha Nacional em Defesa do Ensino Público e Gratuito, em São Paulo. A campanha está sendo coordenada pela União Nacional dos Estudantes (UNE), Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e Confederação dos Professores do Brasil (CP).

Segundo Javier Alfaya, presidente da UNE, "O Ministério da Educação tem reafirmado com veemência sua política de instituir o ensino pago no país. Isso se materializa no corte de verbas para a educação e na intenção do governo de extinguir o ensino profissionalizante".

Agora as entidades nacionais dos professores e estudan-



O ato inicial da campanha, S.P.

tes organizarão debates em todo o país sobre a necessidade de barrar o projeto do ensino pago do governo e em defesa de mais verbas para a Educação e pelo ensino gratuito. A intenção é formar comitês pelo ensino gratuito com a participação de sindicatos e entidades populares.

Os equívocos da luta salarial em S. Bernardo

A campanha salarial dos metalúrgicos de São Bernardo chegou ao fim, com um reajuste irrisório. Mas apesar da assembleia dos dias 3 e 4 reunir apenas 500 operários, a diretoria do Sindicato insistiu que a luta salarial continua, diluindo-a ao afirmar que "ela durará o ano todo".

QUAL A EXPLICAÇÃO?

Neste momento os trabalhadores de todo o país, que estavam com suas atenções voltadas para o ABC — coação da classe operária — devem se fazer uma pergunta: o que ocorreu com os metalúrgicos de São Bernardo? Há dois anos, mais de 80 mil lotavam Vila Euclides. Hoje, nem cinco mil comparecem às assembleias.

Vários são os fatores que explicam isto. Um deles é que ainda pesa a ameaça do desemprego, que só em São Bernardo atingiu um terço da categoria, com mais de 40 mil demitidos. Outro é que como a greve de 41 dias de 1980 não conquistou suas reivindicações econômicas, atualmente os metalúrgicos refletem mais ao preparar uma greve. Não que achem que a greve, o mais importante instrumento da luta reivindicatória, esteja superada. Tanto que nos últimos meses realizaram greves na Brastemp, Volks Caminhão, Mercedes, Ford e outras empresas. Ocorre que procuram formas mais eficazes de luta. E com o ouvir nas fábricas os operários dizem que é necessário uma greve mais ofensiva, de qualidade superior, que englobe toda a categoria e se alastre para as outras. Uma paralisação que dificulte aos mil-



Acima, a massiva e combativa assembleia de 1980. Abaixo, o estúdio vazio este ano.

tários socorrer os patrões, que os coloque na parede. O pessoal quer ir para a luta, mas para ganhar

FALHAS DA DIREÇÃO

Não são, portanto, apenas os fatores objetivos que justificam a pequena mobilização da categoria.

Concretamente a direção do movimento sindical do ABC é um obstáculo ao desenvolvimento da luta. Os erros na condução da campanha salarial são visíveis. A diretoria do Sindicato isola as lutas operárias nas fábricas. Sentindo o pipocar das greves ela não percebe que o seu papel elementar unificar as lutas específicas e espontâneas, elevar o seu nível e sua organização para obter vitórias. Os operários da Ford chegaram mesmo a falar em greve de solidariedade, mas foram aconselhados a não fazê-la.

Os desempregados, que formam um contingente decisivo no ABC, não foram chamados a participar da campanha salarial. Com a argumentação de que são as fábricas tão importantes, impedindo a participação de números desempregados na Comissão de Mobilização. E mesmo as reuniões por fábricas no Sindicato, instrumento que impulsionou a campanha de 1980, não foram ativadas. Quanto a propaganda, o boletim diário do Sindicato, que agradou tanto a categoria em 1980 — chegando a uma tiragem de 50 mil exemplares, que os operários iam buscar na gráfica — este ano foi fraco. Até um membro da diretoria cassada confessou que não distribuiria a convocatória da última assembleia, "que está muito ruim". Predomina também o sectarismo político, barrando-se a participação de sindicalistas que divergem da diretoria. Isto num momento em que o importante era a unidade, já que se lutava por reivindicações comuns.

Todos estes fatores somados dificultaram a participação da categoria. A Comissão de Mobilização, que nos anos anteriores chegou a ter 400 membros, neste ano não aglutinou nem 50 operários. (Altamiro Borges)

As novas fórmulas de Lula para dividir os operários

Com ares de professor, o Sr. Luis Inácio da Silva, Lula, anunciou no último dia 4, na Folha de S. Paulo, "novas fórmulas da luta dos trabalhadores". Disse que as grandes greves foram necessárias como "experiência" mas que agora a saída é "greve fábrica por fábrica".

Qual a lição das greves recentes na Brastemp, na Coleraz e outras? Foi exatamente que o isolamento "fábrica por fábrica", facilita as pressões patronais e a repressão. O que se deve nas empresas seria bom o Sr. Lula conversar com as bases — é que precisa juntar mais força, unir todo mundo. As lutas espontâneas e isoladas revelaram-se insuficientes. A prática exige uma elevação do nível de luta.

Na greve de 1980, no ABC, quando os patrões jogavam todas as forças contra os trabalhadores e era importante buscar um amplo apoio social, Lula orientava os operários para que fossem pescar depois das assembleias. Em maio do ano passado, quando os operários falavam em greve geral, Lula desmobilizou a

categoria, aceitou um acordo desvantajoso com os patrões e prometeu uma greve geral, em outubro. E não mexeu uma palha por esta greve. Na entrevista do dia 4, ele já se declara abertamente contra a greve geral.

Para se justificar, Lula declarou que o trabalhador "já não está mais disposto a enfrentar a polícia". O que foi desmentido logo no outro dia pelos operários da Coleraz, que na defesa de seus direitos não vacilaram nem mesmo diante das tropas de choque da PM armadas de metralhadoras. E afinal como é que os trabalhadores lutarão contra a exploração capitalista sem enfrentar a polícia, que é o principal instrumento da burguesia para manter a exploração? Ou será que o Sr. Lula tem uma "nova fórmula" para evitar os choques de classes?

No movimento sindical Lula quer dividir os destacamentos operários "fábrica por fábrica". E no movimento político pretende incentivar a orientação do PT para dividir a classe do conjunto da oposição. A quem servem estas "novas fórmulas"?

A briga dos monstros do automóvel chega ao Brasil

Preste atenção nestas 4 histórias: 1 — Nesta semana a GM promete lançar no Brasil o Monza, o seu "carro mundial", produzido com partes vindas de numerosos países. Em breve, diz a GM, o Monza estará saindo aos milhões por ano, numa escala de produção nunca vista no planeta.

2 — Nos últimos dias foi revelada a história do empresário nacional que convenceu Dellim Netto e Figueiredo a importarem modelos de carros japoneses a álcool que fazem 20 km por litro. O empresário é dono de usinas de álcool, está preocupado com o ingresso da venda de carros a álcool devido à baixa eficiência dos motores feitos no Brasil. Para ele os japoneses seriam a solução para o mercado de carros brasileiros.

3 — A Volkswagen está criticando o "carro mundial" da GM e da Ford. Eles são a melhor maneira de matar a indústria nacional de auto-peças, diz o presidente da Volks no Brasil: as partes de tal carro serão produzidas para o "mercado mundial", num grau de tecnologia e de investimentos além do alcance de qualquer empresário nacional.

4 — Os trabalhadores brasileiros há longo tempo lutam por comissões de fábrica. Há pouco tempo a Volks propôs a formação de uma, bem atrasada. Logo depois a Ford aceitou outra, mais livre, inclusive com ligação formal com o Sindicato. Breve sairá uma outra na Mercedes.

O que estas histórias têm de

comum? Os monopólios estão numa crise de boas intenções, preocupadas com os direitos dos trabalhadores, com o consumidor, com a defesa da economia nacional?

GUERRA PELO LUCRO

O trabalhador que se guia por uma interpretação científica da realidade sabe que o objetivo básico do capitalismo é — e não pode deixar de ser — o lucro; todas as suas ações têm esta perspectiva.

Os monopólios da indústria automobilística estão em guerra aberta. Os produtores americanos, Ford e GM, últimos 5 anos, especialmente para os japoneses, estão num esforço desesperado de contra-ofensiva. Embora menos rentáveis, as indústrias americanas são ainda as maiores — nenhuma tem, como elas, tantas fábricas, tanto poder de pressão sobre os Estados nacionais, tanta capacidade de investimento. A partir disso, com inversões de cerca de 80 bilhões de dólares, estão procurando dar um passo adiante no atual processo de produção de carros, integrando a produção de suas principais fábricas no mundo inteiro. Copiando dos japoneses os métodos de automação, de administração paternalista e de amolecimento dos trabalhadores, os americanos buscam igualar ou superar a atual taxa de lucros de seus adversários.

Enquanto isto, japoneses e alemães, por exemplo, que têm lucratividade atual maior, mas ainda são mais fracos, procuram ganhar tempo: vão digerindo os americanos mais fracos (Chrysler, American Motors) e procuram acumular forças para pegar os gigantes pelos chifres (GM e Ford).

SOLUÇÃO ABSURDA

Nessa luta, todos buscam aliados, realizam acordos, fazem manobras. No Brasil, sedento de democracia, os americanos oferecem comissões de fábrica mais liberais que as dos alemães. Estes tentam unicamente posar de defensores da indústria de auto-peças nacional. E todos, em conjunto, procuram passar por defensores do consumidor brasileiro.

Os operários, os demais patriotas e democratas, não se podem deixar iludir. Enquanto todos buscam aliados da "solução" que é o carro mundial: a Ford vai elevar sua produção no Brasil de 150 mil para 210 mil carros por ano, como vai adotar os mais altos padrões de automação, seu número de operários vai elevar-se de mil no início, depois vai cair, como diz a própria empresa.

Orá, se cada vez mais os carros serão feitos por robôs, e se persiste o sistema capitalista de o lucro ficar com o empresário, quem, no mundo, vai ter dinheiro para comprar este famigerado "carro mundial".

(Guilherme Lobo)

Molina: "quem nos divide"

Trabalhador precisa de moradia decente

As pessoas na ativa, os trabalhadores, deveriam pelo menos ter condições dignas de moradia. Mas não é o que acontece. Na nossa pensão em Osasco moram atualmente cerca de 50 trabalhadores espremidos nuns cômodos pequenos onde só cabe a cama e o fogão. Nem armário entra. Tem cômodos onde dormem duas pessoas na mesma cama. Não podemos receber visitas, nem mesmo de familiares, porque a proprietária diz que dá baderna. O aluguel, que varia de quatro a seis mil cruzeiros por pessoa, aumenta sempre. E a gente ainda paga a água e a luz sem saber ao certo de quanto é a conta já que a dona da pensão é quem fica com ela.

Na pensão atualmente a maioria trabalha na construção civil. Éramos quase todos metalúrgicos mas com o desemprego no setor tivemos que nos rebaixar. A média de salário do pessoal gira em torno de 20 mil

cruzeiros, o que não dá para nada. O fim de semana não existe para gente, já que não se tem dinheiro.

Nem para pagar o aluguel a gente tem dinheiro. E tem a safadeza dos capitalistas. Um companheiro foi demitido da Brasilex, ganhando 160 cruzeiros por hora. Agora foi readmitido só que ganhando 115 cruzeiros por hora.

Por isso que a gente faz esta denúncia na Tribuna. Não para resolver o nosso problema. Mas para alertar todos os trabalhadores que eles são explorados por todos os lados. E que não podemos mais acreditar nas demagogias do governo. O Figueiredo disse que daria casa própria para o povo, mas o povo cada dia mais mora em favelas e de aluguel. Nós mesmos é que temos que mudar esta situação.

(Um Grupo de Operários de Osasco-São Paulo)

Eriez impede apoio entre os operários

Na Eriez, o filho de um operário precisava ser operado pelo INAMPMS e necessitava 8 voluntários para doar sangue. Cerca de 35 operários se apresentaram como voluntários. Acontece que a doação seria no hospital. Mas a assistente social da empresa (que assiste de fato ao patrão e não ao operário) foi logo dizendo que ninguém poderia ser dispensado para doação, pois, segundo ela, "a empresa está tendo prejuízos com os operários". Quem quizesse que doasse no sábado.

Mesmo assim, com a solidariedade dos operários, foi coletado o sangue

na própria empresa. Houve um operário que quando ia retornar ao trabalho após a doação desmaiou no ambulatório da empresa. Assim que voltou a si, teve que trabalhar.

Até chegar o sangue doado ao hospital houve um atraso e a operação do garoto teve que ser adiada.

Esta empresa já é conhecida pelos maus tratos que dispensa aos funcionários, principalmente aqueles que adoecem. Recentemente duas pessoas morreram em virtude do mau atendimento médico e da falta de segurança.

(Operários da Eriez — São Paulo, SP)



Marítimo se suicida por falta de trabalho

Nós, marítimos, temos nossas carteiras e somos matriculados na Diretoria de Portos e Costas, e no entanto não temos o direito de embarcar. As capitânias do Amazonas e Pará ficam dando licença a pessoas estranhas ao quadro marítimo, conhecidas por "linhas de fora", que são mão-de-obra barata, lembrando muito os "boias-frias".

É lamentável mas existem colegas que ante esse estado de coisas se entregam a bebida e muitos recorrem ao suicídio, como aconteceu em Belém. Um cozinheiro matou-se por não suportar tanta injustiça, porque não embarcava; e quando o fez, certa ocasião, o

comandante o puniu e remeteu sua carteira à Capitania dos Portos do Pará. E ela lá ficou para que o capitão examinasse a falta. Com isso, o cozinheiro ficou dois meses sem trafegar. Com filhos e mulher, não ganhava nada e resolveu dar cabo da vida, sem antes acusar as autoridades da Capitania dos Portos do Pará.

As autoridades continuam a fazer comerciais na TV para dar a impressão de que diminuiriam os acidentes, constantes nesta região.

Sou marítimo mas não embarco; e quando o faço o dono da embarcação quer pagar o

que bem entende, não obedece as tabelas cedidas pelos sindicatos depois de dissídios coletivos com os armadores. As delegacias de trabalho marítimo não fiscalizam e a baderna segue fazendo a sua festa com militares envolvidos com certos armadores para explorar os marítimos que fazem dessa vida sua sobrevivência e a de suas famílias. E com lágrimas nos olhos que peço que tudo que escrevi seja transcrito neste jornal defensor dos operários.

(J.G.O. - marítimo, leitor assíduo da TO em Monte Alegre, Baixo Amazonas, Pará)



fala o POVO

Neste número destacamos as cartas de operários vindas de São Paulo, Paraíba, Rio Grande do Norte e outros pontos do Brasil. Em todas elas o mesmo tema: a exploração e pressão do proletariado, que se repete com a mesma monotonia do funcionamento das máquinas numa empresa. Elas indicam que realmente os problemas dos operários, em essência são os mesmos em todo o Brasil. E portanto a fórmula para acabar essa velha exploração patronal será também a mesma. E os operários vêm compreendendo isso cada vez melhor...

(Olivia Ranget)

Moradores do Jardim Olinda repudiam Maluf

O Jardim Olinda é um bairro que fica na Zona Sul de São Paulo e completamente abandonado pelas autoridades. As atenções somente se voltam para esse local quando acontece alguma tragédia, como foi o caso da morte do metalúrgico Oséas dos Santos, morto dentro de sua casa por mais de cem policiais. (veja a Tribuna nº 63). Cansados de tanto descaso e abandono, os moradores do Jardim Olinda fizeram no dia 4 de abril um ato público de protesto contra as autoridades governamentais — Maluf e o prefeito Renaldo de Barros.

Houve a presença de umas 150 pessoas que aplaudiram os grupos de teatro, cantadores de viola, várias Sociedades Amigos de Bairro e ainda a presença do deputado Aurélio Peres. Nos pronunciamentos foi colocado que o bairro tem falta de tudo: esgotos, asfalto, creches, escolas, telefone e policiamento. O órgão informativo da Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Olinda, *Jornada*, afirma que "se o visitante tiver medo de encontrar alguma autoridade no bairro, não se preocupe. Prefeito, vereador, administrador regional são espécies de bichos que nunca foram vistos nessa ilha maravilhosa". (D.A.M. - Campo Limpo, São Paulo)

Operários da Toália não têm transporte

Nós, operários da Toália (maior indústria têxtil de João Pessoa, pertencente ao grupo Santista), estamos sendo prejudicados pela empresa que serve a linha do distrito industrial. A ETUR, além de se utilizar do nosso próprio dinheiro, através de subsídio dado pelo governador bônico, o demagogo Burity, comprou uma frota para servir nossa linha, com preços ainda mais caros que os ônibus comuns. Os ônibus comuns custam 20 cruzeiros e os da Etur, 30 cruzeiros.

Essa jogada da ETUR reduziu o número de ônibus

comuns forçando os operários a pagar mais caro ou a sofrer à espera de ônibus comum. Chega ao absurdo de passar 7 "executivos" para poder passar um comum. Sem falar que somos tratados como galinhas e transportados dos por cima dos outros.

Isso tudo acontece porque os empresários só pensam em lucros. Somos explorados por todo lado. Na fábrica recebemos salários miseráveis e ainda vêm as empresas de ônibus querendo sugar nosso sangue cada vez mais. E o governo ainda apoia essas sugadores, que ainda por

cima são auxiliados pela atual diretoria do nosso sindicato, que nada faz pela classe.

O sindicato é nosso. É nosso dinheiro que o mantém, assim como somos nós que sustentamos as merdomas desse governo. Mas o que temos recebido é só desinteresse e esquecimento por parte deles. Mas esse ano é de acerto de contas. Temos eleições no sindicato e em 15 de novembro vamos dar a resposta da classe operária aos traidores dos operários e de todo o povo. (Grupo de operários da Toália - João Pessoa, Paraíba)



Daruma de Taubaté quer operárias submissas

Quero registrar aqui neste importante jornal o que vem acontecendo na Daruma Telecomunicações S/A, em Taubaté. É que as operárias não aguentam mais a ditadura e a repressão dentro da fábrica. São mais ou menos 900 operários, dos quais 70% são mulheres. Elas pensam que podem explorar mais as mulheres, porque elas não estão organizadas.

O Sindicato dos Metalúrgicos está movendo uma ação contra a Daruma, pois esta deu férias de 10 dias no Natal, sendo que 4 desses dias eram feriados, prejudicando assim os trabalhadores. O pior de tudo, é que quando o Sindicato foi à porta da fábrica conversar com as operárias, a Daruma ameaçou mandar 120 delas embora.

Dentro da fábrica se trabalha num clima de tensão, pois alguns chefes são muito estúpidos. O sr. Vicente, por exemplo, fala com o dedo na cara das meninas e logo vai gritando: "primeiro

eu falo, depois você...". As meninas até choram pela humilhação. Uma amiga minha diz que parece o tempo da escravidão.

Outra amiga minha conta: "Lá na fábrica parece campo de concentração, a gente trabalha o tempo todo sob pressão, até o guarda fica andando de lá para cá dentro das seções, como se nos ameaçando. A Cipa não existe. É uma fábrica com tanta mulher não tem creche!

Concluindo, penso que essa situação não pode continuar. Somos mulheres e por isso mesmo queremos ser respeitadas, não somos inferiores coisa nenhuma. Acho que as operárias da Daruma precisam se unir mais e lutar para acabar com essa exploração. Poxa, gente, o sindicato existe e é para responder por nós trabalhadores. (Uma leitora da TO, amiga das operárias da Daruma — Taubaté, São Paulo)

Atendentes do S. Cristóvão são tratadas como escravas

Queremos denunciar através deste jornal combativo a exploração que sofremos dentro do "Hospital" São Cristóvão.

Trabalhamos de segunda a segunda, durante 8 horas. São 7 andares e alguns deles com mais de 40 pacientes, com apenas uma auxiliar e um

atendente de enfermeira por andar.

Na lavanderia também existe exploração, pois há risco de contaminação e ganha-se muito pouco. Quando falta atendente de enfermagem, eles substituem com o pessoal da limpeza. Cada andar tem duas mulheres (quando tem)

para limpar, desinfetar tudo: quartos, banheiros, vidros e corredores.

Há alguns anos, algumas colegas de trabalho foram fazer denúncia no Sindicato e acabaram perdendo o emprego. (Grupo de amigas da TO no Hospital S. Cristóvão - São Paulo, SP)

Na indústria de calçados operário não tem sapato

Aqui em Mossoró continua a exploração na indústria de calçados Mossoró, de propriedade do sr. Nascimento.

No nº 56 da Tribuna um operário denunciou as graves irregularidades que acontecem na firma: exploração do trabalho da mulher e da criança, taxa de insalubridade que não era paga, horário de trabalho que não era respeitado, não pagamento das horas extras, atrasos de até 2 meses nos salários-família, atendimento médico inexistente e o operário não podia trazer atestado, porque corria o risco de ir para o olho da rua.

Depois que um operário denunciou na imprensa as irregularidades citadas nos trabalhadores. Este operário foi demitido e ameaçado pelo patrão.

Como forma de vingança, além de continuar a exploração

e os abusos contra os trabalhadores, o patrão não está cumprindo com nenhuma lei trabalhista. Os operários que não recebiam férias e compravam sapatos para que ficassem descontando nas férias, como forma de pagamento, foram cortados. Agora, além de não pagar as férias, a empresa não vende mais nenhum

par de sapato aos operários. Chamamos a atenção das autoridades locais, do Ministério do Trabalho e também do Sindicato, para que tomem providências a respeito e evitem tais abusos.

(Operário leitor da TO em Mossoró, Rio Grande do Norte)



Prefeito de Marília despede quem não é do PDS

O prefeito de Marília, Theobaldo de Oliveira Lyrio, continua despedindo todos os funcionários que não se filiaram ao seu partido, o PDS.

Inssatisfeito com a demissão do médico que atendia os Postos de Atendimento Sanitário da cidade, após o mesmo ter se filiado ao PMDB, Theobaldo demitiu outros funcionários: Juraci costa, auxiliar de escrita II e Luiz Vieira Rosa, eletricitista. Ambos foram demitidos em 5 de janeiro último.

Entrevistado para falar das demissões, Theobaldo alega que há dois assessores seus filiados ao PMDB, o que é pura demagogia dele, pois estes assessores não passam de testas-de-ferro. O clima de descontentamento do povo de Marília é geral. E no dia 15 de novembro vão dar um basta a ele e toda a cúpula de seu partido, o PDS. O povo ainda fará valer seus direitos, quando tivermos um governo verdadeiramente democrático e que o represente.

(B.A.A. - Marília, São Paulo)

Cá entre nós

<p>Cá entre nós Não é fácil suportar A pisada dos militares Querendo nos esmagar</p> <p>Cá entre nós Quz esmagalhados vivemos Mas que numa só vez Tenho certeza, venceremos</p> <p>É a força da união Da qual nós precisamos</p>	<p>E do fundo do coração Continuamos lutando</p> <p>Cá entre nós é o nome Desta minha criação Vamos nadar bem no fundo Sem medo do tubarão Podemos não mudar, agora, o mundo Mas para lutar teremos mais razão.</p> <p>(Um torturado pela polícia de João Pessoa, Paraíba)</p>
--	--

Atenção ao leitor Kardec do Nascimento, de São Paulo, que a resposta de sua carta está à sua disposição aqui na redação do jornal, já que não temos seu endereço. Estamos na Travessa Brigadeiro, 53.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A ditadura do proletariado

O problema fundamental da revolução é o problema do poder. A revolução socialista só pode se tornar realidade se o proletariado for capaz de tomar e manter o poder político, destruir a máquina do Estado burguês, capitalista, e construir no seu lugar a ditadura do proletariado.

O Estado surgiu com a divisão da sociedade em classes. Onde existem classes com interesses antagonísticos torna-se necessário um instrumento para manter a "ordem", ou seja, para submeter uma classe à outra e fazer com que a sociedade funcione de acordo com os interesses da classe dominante. No capitalismo, o Estado é o Estado da burguesia para submeter o proletariado. É ditadura para os trabalhadores e democracia para os capitalistas.

LIBERDADE PARA QUEM?

A libertação das classes oprimidas só pode se realizar pela tomada real da ditadura do poder e pela supressão do aparelho estatal criado pela classe dominante. As leis, a justiça, a polícia e o exército, a burocracia estatal, tudo que a burguesia criou para manter o seu poder não pode servir ao proletariado. No socialismo o Estado deve assegurar a liberdade para a classe operária e todos os explorados — o que implica em ditadura para a burguesia e todos os exploradores. Este Estado é a ditadura do proletariado.

Os revisionistas combatem a ditadura do proletariado. Justificam-se dizendo que são contra os métodos ditatoriais. Dizem que o caminho para o socialismo é a democratização constante da sociedade. As teses para o congresso do partido revisionista de Giocondo Dias, por exemplo, afirmam que o socialismo criará as condições efetivas para a "prática e a ampliação concreta das liberdades democráticas".

Os revisionistas procuram esconder a questão essencial: a diferença de qualidade entre democracia burguesa e democracia proletária. A ampliação da democracia burguesa jamais resultará na liberdade para a classe operária. Isto só se realizará pela revolução e a substituição do estado burguês pelo estado proletário. Não é possível a revolução em abstrato igualando explorados e exploradores.

PODER REVOLUCIONÁRIO

Mais complexo do que tomar o poder é manter-se no poder. A ditadura do proletariado precisa vencer a resistência dos exploradores derrotados e liquidar todas as suas tentativas de restaurar o poder do capital. Deve armar-se também contra o capital internacional. O imperialismo usa todos os meios, inclusive a intervenção armada, para liquidar a revolução e recolocar a burguesia no poder. Ao mesmo tempo, o proletariado deve cuidar de organizar sob sua direção os camponeses e todos os trabalhadores para a construção do novo regime socialista.

Com o poder nas mãos a classe operária tem a grandiosa tarefa de eliminar a exploração capitalista — passar as terras, as fábricas e toda a máquina de produção para a propriedade socialista dos trabalhadores — e criar as bases econômicas para a vitória do socialismo. Nesta luta o Proletariado tem a tarefa de educar-se a si mesmo e formar-se como força capaz de governar o país. Mais do que isto, deve reeducar todas as camadas sociais médias, mesmo trabalhadores, marcadas pelos hábitos e tradições da velha sociedade capitalista.

A Ditadura do Proletariado é um poder revolucionário que garante a liberdade e organiza os operários e todos os oprimidos para concretizar a revolução socialista. É uma forma de Estado transitória, necessária para a formação de uma nova sociedade sem classes, comunista. No próximo artigo, socialismo e comunismo.



No dia 18 de abril completa-se o centenário de nascimento de José Bento Monteiro Lobato, considerado o criador da literatura infantil brasileira, autor do *Sítio do Picapau Amarelo*, nacionalista, defensor das campanhas do petróleo e do ferro. Lobato nasceu no interior de São Paulo, Taubaté, e é tido como o escritor que descobriu o interiorano.

Como literato, Monteiro Lobato conheceu o sucesso ainda jovem. Aos 27 anos publicou "Jeca Tatuzinho", que chegou a mais de 6 milhões de exemplares, sobre um camponês "leto, papudo, molenga e inerte". O Jeca Tatuzinho não trouxe somente o sucesso, mas também o aprendizado pela maneira como tratou o homem do campo. Anos depois da publicação do livro, Lobato compreendeu que o grande problema do campo brasileiro é o latifúndio, e sua solução a reforma agrária. Confessou que, para reparar seu erro escreveu uma série de artigos "sob o título 'Problema Vital' em que denunciava a doença do nosso homem da roça e o crime dos que, na cidade, parasitariamente, se gozavam do produto de seu doloroso trabalho".

APOIO AOS COMUNISTAS

Além de escritor, Lobato era advogado e editor, e fundou a Companhia Editora Nacional e a Editora Brasiliense. Trabalhou também em defesa da exploração do ferro e do petróleo brasileiros, denunciando o entreguismo do governo. Em 1941 foi preso e condenado a 6 meses de reclusão por ter escrito uma carta ao ditador Getúlio Vargas (vide box). Em 1947 colaborou com o Partido Comunista do Brasil na defesa dos interesses nacionais. Não chegou, contudo, a ingressar no Partido.

Mas é principalmente por seus personagens infantis que Lobato é conhecido atualmente. "O meio da gente se sair de uma dificuldade é sempre esse — lutar, lutar", afirma Narizinho no livro "Fábulas". Esse é um dos aspectos importantes da obra infantil do escritor. A utilização da criação literária para apontar as falhas da sociedade é indubitável que a situação pode mudar, e está na ação do homem a força da mudança.

Na época em que escreveu suas obras para crianças, a União Soviética construiu exitosamente o socialismo. Na sua "História do Mundo para Crianças", Lobato afirma: "Eles (os soviéticos) estão fazendo uma experiência em enorme escala, que todos os outros povos devem acompanhar com o maior interesse".

A obra de Lobato tem também suas deficiências. Por exemplo, a maneira discriminatória com que trata os negros. Em "Caçadas do Pedrinho", dona Benta repreende Emilia por ter chamado tia Nastácia de "pretura", e diz: "Não quero que trate tia Nastácia desse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fora".

Mas a defesa que Lobato faz do progresso do país e da humanidade é maior que as deficiências de sua obra. Como todo grande artista, ele refletiu em sua literatura aspectos da revolução, da luta pela mudança da sociedade. No dia 5 de julho de 1948, Monteiro Lobato faleceu vítima por um espasmo vascular.

(Carlos Pompe)

Monteiro Lobato, vida e obra a serviço do progresso social



Dona Benta, Pedrinho, Emilia e Visconde de Sabugosa ficaram mundialmente famosos com a série do "Sítio" na tevê

Picapau Amarelo, sucesso na TV

Através da televisão, os personagens de Monteiro Lobato chegam a mais de 20 países. A série *Sítio do Picapau Amarelo*, recriação da obra infantil de Lobato, estreou na tevê brasileira em 1977, dirigida fundamentalmente às crianças de idade pré-escolar. E já recebeu um prêmio, na França, de melhor programa infantil para a televisão.

Marcos Rey é um dos escritores encarregados de adaptar os livros de Lobato para a tevê: "nós temos a preocupação de aproveitar as coisas que Lobato escreveu. Ele preocupava-se muito em atualizar seus escritos, e reescrevia muita coisa, refazia. Na televisão nós criamos em cima dos personagens do Sítio. Aproveitamos dos

livros algumas situações. Mas o que passa na série é diferente do que está no livro".

De fato, o que aparece no seriado da televisão serve mais para apresentar ao grande público os personagens infantis de Monteiro Lobato. Mas o conteúdo de sua obra não passa para o vídeo. Um exemplo é o materialismo militante do escritor. Lobato divulgava, mesmo em suas obras infantis, a teoria materialista da história. Em "História do Mundo para Crianças", por exemplo, ele coloca para as crianças o desenvolvimento do mundo e da matéria, pois "matéria é tudo que existe", afirma Narizinho. São aspectos da obra do escritor que não vão para as telas da tevê, assim como a defesa que ele faz da reforma agrária, da União Soviética da época de Stálin.

Segundo Rey, "nós não colocamos o problema da crença e do materialismo na televisão. Mas uma coisa que respeitamos é, por exemplo, a questão da mulher. Lobato respeitava muito as mulheres. Basta ver como a dona Benta é inteligente, letrada. Inclusive, no Sítio quem manda são as mulheres".

INCIDENTE EM ANGOLA

Mas mesmo na tevê, a questão do problema da crença e do materialismo na televisão. Embora os adaptadores não coloquem as constantes ofensas que Emilia dirige à Tia Nastácia, os negros são sempre subalternos ou engraçados (Tia Nastácia ou Garmiz). Essa situação do negro, inclusive, levou o governo de Angola a proibir a veiculação do *Sítio do Picapau Amarelo* na televisão local.

José Duarte lembra de sua prisão com Monteiro Lobato

Quando foi preso, em 1944, Monteiro Lobato foi companheiro de cela do veterano comunista José Duarte. "Ele era um progressista", lembra Duarte, "mas também era muito pessimista. Achava que nós, comunistas, acreditávamos muito no povo, e o povo não reagia. Mas ficou surpreso com o grande número de estudantes e professores que iam visitá-lo na Casa de Detenção. Organizamos, com a colaboração dos professores e de editores conhecidos do Lobato, a biblioteca da prisão. Isso o animou muito". Duarte lembra também que Lobato apoiou muito o PC do Brasil: "nunca foi membro do Partido, mas es-



O recado no livro do PC

creveu um folheto chamado "Zé Brasil", que era o contrário do Jeca Tatuzinho, e ofereceu o livro ao PC. Logo o livro foi recolhido pela polícia, mas o Partido fez algumas finanças com esse folheto. Não era um comunista, mas ajudou o Partido.

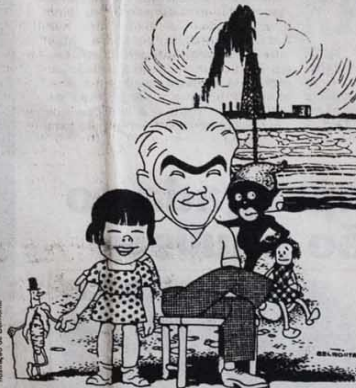


Ilustração de Reynoldo

Generais censuram a tortura no cinema

Falar em tortura é proibido. Um general chegou a dizer que não viu o filme de Roberto Farias — *Pra Frente Brasil* — mas que devia ser proibido, porque o tema não é oportuno. Os donos do poder ainda pensam que oportuno seria repetir que o Brasil é um mar de rosas num mundo violento. E a censura serve para vetar quem diz o contrário.

O filme *Pra Frente Brasil* já se tornou conhecido em todo o país, e no exterior, não pelo que se passa na tela mas exatamente porque não pode ser visto. Como consequência da "cruzada" pela moralidade, desencadeada pelo general Figueiredo, o filme foi vetado.

Os poucos que viram o filme, premiado no festival de Gramado, no Rio Grande do Sul, no mês passado, dizem que apesar de retratar a tortura de um cidadão comum, e o clima de terror vivido no país, não é nem mesmo uma obra de combate ao governo. O próprio diretor, Roberto Farias, diz que para ressaltar as Forças Armadas, a tortura é atribuída a grupos independentes patrocinados por empresários.

Mas os generais logo trataram de impedir a liberação do filme. Para eles é crime retratar a tortura. Mesmo com o "atenuante" de dizer que a tortura foi feita por "independentes". Eles pensam — aliás com isto todos concordam —

que falar em tortura é acusar os militares. É isto é proibido. Poderia levar alguém a pensar que seria bom julgar e condenar os responsáveis pela tortura. Não por "revanchismo" como eles dizem, mas para evitar que estes crimes se repitam.

DE NOVO A INQUISIÇÃO

A prática de censurar já vem desde a Inquisição, quando se pretendia esconder que a terra girava em torno do sol. E desde então os opressores sempre tentam que as obras de arte os retratem não como eles são mas como eles querem ser vistos.

O diretor Roberto Farias, diante do veto dos militares, em vez de lutar pelo direito de divulgar o filme, tem adotado uma atitude de capitulação. Disse que não está querendo criar problema com ninguém, e que está disposto a divulgar o filme só no ano que vem, "depois de passar o período das eleições". Mas se o caso de ver quem "cria problemas", seria o caso de perguntar também aos brasileiros o que acham do problema que foi criado pela tortura e pelo terror. Se eles acham que passar um filme sobre o assunto cria algum problema. Se a proibição de mais uma obra artística, com o recrudescimento da censura, não é a continuação do período do general Médici, que o filme retrata. E de perguntar aos próprios artistas do filme o que eles acham da censura.



Tortura: no DOI-CODI podia, mas no filme não

Ricardo, o vencedor do Campeonato em Gainesville

Brasileiro bate recorde mundial mas fica nos EUA

Com apenas 17 anos Ricardo Prado, brasileiro de Andradina, tornou-se dia 9 o recordista mundial de natação na modalidade de 400 jardas medley (quatro estilos). Venceu as 400 jardas em 3 minutos e 47,97 segundos, passando para segundo lugar o norte-americano Jesse Vassallo, ex-recordista e favorito da prova. Em Andradina, interior de São Paulo, o pai de Ricardo quase chorou de emoção, com "a força que o garoto deve ter feito para ganhar daqueles monstros norte-americanos".

Mas embora seja brasileiro, Ricardo não pode nadar pelo Brasil, onde o esporte amador continua abandonado. Se nadasse, dificilmente alcançaria o desempenho que demonstrou dia 9. Talvez tivesse até que abandonar o esporte, como aconteceu com Adriana Pereira, pernambucana de 17 anos e recordista sul-americana dos 100 metros de nado livre. Assim, Ricardo prefere competir nos Estados Unidos, onde existe um poderoso esquema de incentivo ao esporte amador, baseado nas universidades. Ele terminará o colegial em junho e já tem convite para ingressar em seis universidades americanas!

Um êxito na luta para cobrar a morte de Santo

Depois de 20 horas de julgamento, a 1ª Auditoria Militar de São Paulo condenou a 5 anos de prisão o soldado da PM Herculano Leonel, que assassinou com um tiro no rim o líder operário Santo Dias da Silva, durante a greve dos metalúrgicos de São Paulo, em 29 de outubro de 1979.

Pela primeira vez a Justiça Militar de exceção foi obrigada a ceder diante da pressão dos trabalhadores e admitir a selvageria da repressão às greves.

Desde a manhã do dia 7 até a madrugada do dia 8, enquanto o processo se arrastava a portas fechadas na Auditoria, centenas de pessoas se concentravam na rua em frente. Ouviam discursos, entoavam a música "Para não dizer que não falei de flores" e outras.

Sentia-se a forte presença dos movimentos da Igreja na periferia paulistana, dos quais Santo participava. O próprio cardeal D. Evaristo Arns compareceu, pregando a união "sem violência alguma, sem ódios, confiando na Justiça". Já o Clube de Mães de Jardim Elba enviou uma mensagem mais enérgica, dizendo que "este governo injusto um dia será derrubado pelos trabalhadores e todos os oprimidos".

"Que sejam julgados os que mataram meu pai"

Ana Dias, viúva de Santo, muito emocionada, mas firme, declarou: "Do julgamento eu não espero nada. Espero que os trabalhadores continuem cobrando a morte de Santo. Que tenha justiça". E, apontando o povo em redor: "Isto é a conti-



A multidão aguardava o veredito e Ana, a viúva do metalúrgico



Luiz C. Leite

Santo já tornou-se até nome de rua e de praça

A condenação do PM, por três votos a dois, causou surpresa. Todos esperavam que ele fosse absolvido, mas ainda porque seu advogado pedira para dispensá-lo de comparecer, alegando temer a reação do povo. O dr. Luis Eduardo Greenhalgh, que assistiu à acusação, considerou o resultado como a maior vitória de sua carreira.

A luta tenaz do Comitê Santo Dias, que agrupa várias entidades de base, conseguiu neste resultado. Há mais de dois anos ele acompanha o processo. Tem assinalado os ani-

versários do assassinato com manifestações populares de protesto. Graças ao seu trabalho, Santo Dias é hoje nome de uma rua e uma escola, na periferia da Zona Sul de São Paulo. "No governo que a gente está vivendo — assinala Ana — isto é uma coisa que é contra eles e a favor de nós". A luta porém, continua, inclusive no plano judicial. Será agora instaurada uma ação visando responsabilizar o governo — e não seu instrumento, o soldado Herculano — pelo assassinato de Santo. Enquanto isso, os defensores do PM assassino prometem recorrer ao Superior Tribunal Militar, na esperança de absolvê-lo.



Foto: A.E.

Os metalúrgicos, em desespero, destroem uma ponte da empresa que roubou-lhes os salários

Revolta operária contra exploração na Coferraz

No dia 6, pela manhã, os 1.200 operários da Coferraz tiveram a notícia de que nada estava resolvido para o pagamento de seus salários atrasados desde fevereiro. Desesperados, numa explosão de revolta saíram quebrando tudo. A polícia chegou logo, e armada até com metralhadoras. Como resultado 25 trabalhadores e 3 policiais saíram feridos.

Parte das instalações da empresa, situada em Santo André, São Paulo, foi depredada; as portas de vidro do edifício central foram arrebentadas e a sala da diretoria foi toda quebrada. Com a chegada da PM os operários enfrentaram a repressão usando paus e tudo o que encontravam à mão. Resistiram a uma violência brutal. E a polícia prosseguiu com tropelias nas imediações da empresa: invadiu uma escola, espancou o dono de um bar, perseguiu e espancou os metalúrgicos pelas ruas. Quem ficou ileso foi o proprietário da Coferraz, Antonio Ferraz de Andrade, que desde outubro vem ludibriando os trabalhadores, deixando-os sem saída, sendo o verdadeiro responsável pelo tumulto.



A marca da selvageria policial

SEM DINHEIRO PARA COMER

Benedito Pereira, torneiro, declarou à Tribuna: "Ninguém mais controla os nervos, sem dinheiro e sem trabalho, com aluguel atrasado e tendo que viver de ajuda para comer". E outro

operário, José Carlos, disse: "Trabalhei muitos anos na Coferraz. Com esta crise fui trabalhar como ajudante do pedreiro. Mas é fogo. Iam me pagar no final da semana passada. Depois mandaram passar na terça-feira. E

assim vai. Até receber o salário é difícil. E quando recebe é uma miséria. Arranjar outro emprego como metalúrgico está difícil: além do desemprego, a empresa não deu baixa na Carteira e por isto as outras fábricas não aceitam".

Os operários da Coferraz não tiveram o reajuste de outubro. A empresa prometeu pagar o reajuste a partir do início do ano. Com o salário de janeiro, foi pago o atrasado de outubro. Daí para frente nada. Até hoje não saiu o salário de fevereiro. Desde o dia 10 de março os operários estão em greve exigindo pagamento. Na assembleia do dia 6, receberam um recado da Coferraz: "A empresa pediu concordância e não tem como resolver nada".

Na Coferraz, desde outubro os trabalhadores estão sendo ludibriados. Agora estão abandonados, com fome e sem saída. As autoridades não fizeram nada de concreto. Mas quando a explosão operária colocou em risco a "sagrada" propriedade do capitalista, a polícia chegou em poucos minutos. Só que a força bruta da polícia não resolve a situação dos operários e nem pode ser solução para a crise.

Cão estraçalha empregada no interior da mansão paulista

Um feroz cão fila estraçalhou o corpo da empregada doméstica Quitéria Alexandre Procópio, em São Paulo. O patrão quis comprar a morte de Quitéria por 5 mil cruzeiros, quantia bem menor do que consomem os seus cachorros só em alimentação ao mês. O fato mostra a insegurança e o desprezo com que são tratadas as empregadas domésticas em todo o país.



A vítima

Quitéria chegou há um ano de Pernambuco e trabalhava na mansão de Américo dos Santos, no bairro de Pinheiros. Na casa havia três perigosos cães, dois filhas e um pastor alemão. Uma semana antes de ser morta, Quitéria teve que se medicar no Pronto Socorro devido a um ataque dos cães. Uma empregada anterior também fora mordida pelos cachorros.

Mas no sábado, dia 3 de abril, Quitéria não teve tanta sorte. Por volta do meio-dia ela estava telefonando para sua prima Francisca Massalin da Silva e de repente começou a gritar pedindo socorro e dizendo que o cachorro a atacava. "Eu escutei tudo, os gritos de dor dela, tudo. Durou uns minutos, eu não sei dizer quantos", afirma Francisca.

Erivaldo Alves Freire, que ajudou a vestir o corpo de Quitéria, conta que "eram tantas as marcas de mordidas que foi impossível contar. Na barriga da perna e nas nádegas faltavam pedaços tão grandes quanto uma das minhas mãos". Quitéria tinha 17 anos e deixou uma filha com dois anos. O patrão ofereceu 5 mil cruzeiros para a família, mas a mãe de Quitéria afirmou que "a vida de minha filha não tem dinheiro que pague".



Valéria, da Associação das Domésticas, quer a união da categoria

A escravidão doméstica da empregada

A situação das empregadas domésticas é tão precária que até hoje elas ainda lutam pela aplicação da lei trabalhista. Jornada de 8 horas de trabalho, salário-mínimo, 13º salário, aviso-prévio, descanso semanal remunerado são alguns dos direitos que as domésticas ainda não conseguem obter. Somente na cidade de São Paulo, calcula-se que existam 300 mil empregadas domésticas. Em sua grande maioria são migrantes sem nenhuma especialização e acabam se sujeitando a qualquer tipo de trabalho.

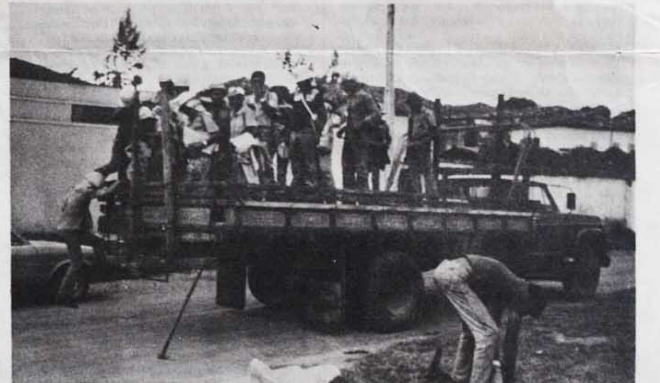
Trabalhando dispersas, seu grau de organização ainda é muito baixo. A Associação Profissional dos Empregados Domésticos de São Paulo (APEDESP) existe desde 1962, mas conta com somente 1700 sócios. Valéria da Veiga, cozinheira em um apartamento de cobertura com 23 apartamentos e diretora social da APEDESP, afirma que "a maior di-

ficuldade nossa é conseguir a união da classe".

Algumas das leis mais antigas tratavam as domésticas como se fossem marginais. O Decreto Lei 16.107, de 1923, por exemplo, dizia que toda a vez que deixasse o emprego a doméstica teria o prazo de 48 horas para se apresentar no distrito policial. Somente a partir de 1972 entrou em vigor a lei que concede registro em Carteira e o pagamento do INPS às domésticas.

Valéria, que está há dez anos na APEDESP, diz que muitas domésticas trabalham às vezes 16 ou 17 horas por dia. Cita o caso de uma empregada que quebrou a perna no trabalho e quando voltou a trabalhar foi despedida. Uma prova da discriminação da categoria "é que houve uma debandada geral das domésticas para trabalhar no serviço de limpeza pública, porque nesse tem horário", afirma Valéria.

(Domingos de Abreu)



Mesmo com chuva, os caminhões vão para a Acesita sem cobertura

Lista negra da Acesita não impede criação do Sindicato

Dia 25 de abril vai nascer mais um Sindicato de Trabalhadores Rurais, no Alto Jequitinhonha, sertão de Minas Gerais. Foi construído pelos bóias-frias da Florestal Acesita SA, subsidiária da poderosa empresa estatal Acesita, que os explora sem piedade. A empresa faz o que pode para impedir o nascimento da entidade autêntica dos trabalhadores, mas está perdendo a parada.

A Acesita implantou-se no Alto Jequitinhonha com muitas regalias oferecidas pelo governo estadual. Só no ano passado ela e as outras empresas reforestadoras da área receberam 89 mil cruzeiros de incentivos fiscais por cada hectare reforestado, além de escapar por 20 anos de pagar o imposto Territorial.

Afastados da terra, os lavradores são hoje bóias-frias, mão-de-obra farta e barata para ser explorada pela Acesita e suas comparsas. Mas agora, com o Sindicato, começaram a se organizar.

TRUQUES DA EXPLORAÇÃO

A Acesita usou várias manobras para aumentar a exploração. Primeiro alterou a situação jurídica dos trabalhadores, passando-os de rurais para urbanos, embora eles trabalhem semeando, plantando, adubando, cortando. Depois a própria empresa criou uma

certa "Associação dos Trabalhadores nas Indústrias Extrativas", que reúne desde os bóias-frias até feitores, técnicos, assistentes sociais e o próprio gerente geral! Para que todos se associassem, usou-se o método da força e da intimidação.

PIORA DIA A DIA

As condições de trabalho vêm piorando muito. Quem antes cortava quatro esteres de lenha (4 m2), hoje tem que cortar até 8 esteres. Quem não corta é mandado embora ou vai para lista negra da firma. O serviço no forno de carvão, que antes era feito por três pessoas, agora é executado por duas. Mas o salário não aumentou.

Segundo Jaime Oliveira Carvalho, casado, 25 anos, demitido por lutar pelo Sindicato: "os caminhões vão para a área do corte e dos fornos sem lenha, mesmo com chuva. Se alguém corta o pe, tem que

ficar perdendo sangue o dia todo. Só tem socorro de tarde, quando o caminhão vem buscar a turma. Às vezes os técnicos passam pelos trabalhadores, mas não transportam o pessoal doente. Eles querem o trabalho da gente, mas não oham a segurança não".

A Acesita não vê com bons olhos o novo Sindicato, formado com o apoio da FE-TAEMG. Já perseguiu e ameaçou dezenas de trabalhadores por aderirem à iniciativa, somente na grande plantação de eucaliptos de Itamarandiba. E no dia 27 de março demitiu oito dos líderes do movimento.

FUROR ANTISINDICAL

Outra jogada da empresa é jogar os que trabalham pelo Sindicato para um serviço mais pesado. Jaime Oliveira, outro demitido, denuncia: "O serviço que era pra quatro, pusaram dois pra fazer. Nos obrigaram a cortar 300 metros de lenha por mês, puxar na carroça e fazer seis fornos de carvão por mês. Qualquer falha nesta jornada estante é motivo para demissão "por justa causa".

(da sucursal)